



PUC  
RIO

ALGUMAS PERSPECTIVAS SOBRE  
O PROBLEMA DA ADOLESCÊNCIA

Martha Esther Nepomneski de Graciarena

MESTRE EM PSICOLOGIA TEÓRICA-EXPERIMENTAL

Rio de Janeiro, GB, fevereiro de 1973

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea

CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil

<http://www.puc-rio.br>

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO

RIO DE JANEIRO

ALGUMAS PERSPECTIVAS SOBRE O

PROBLEMA DA ADOLESCÊNCIA

- um ensaio de Dimensionalização e Operacionalização

por

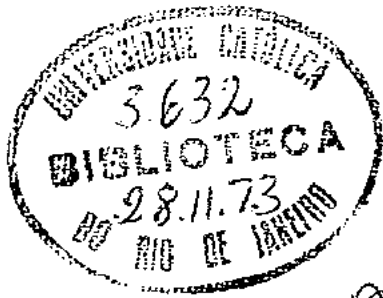
Martha Esther Nepomneschi de Graciarena

Tese submetida como requisito parcial

para obtenção do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA TEÓRICA-EXPERIMENTAL

Rio de Janeiro, GB, Fevereiro de 1973



31551 DC

150  
6-731  
TESE UC  
UC 19606-8

### AGRADECIMENTOS

Gostaria de registrar meu reconhecimento aos meus professores do curso de Psicologia, em particular aos doutores Aroldo Rodrigues e Carlos Paes de Barros assim como - muito especialmente - a minha Orientadora de Tese, professora Circe Navarro Ribas por seus ensinamentos, e pelo estímulo e orientação que me proporcionaram em todos os momentos do curso.

## SUMÁRIO

O presente trabalho se centra na análise de quatro perspectivas teóricas diferentes sobre o problema da adolescência. Com base nestas teorias procedemos a análise.

1º da conveniência de uma "complementariedade" das perspectivas que possibilite um abarcamento mais completo do objeto de estudo, enfatizando a necessidade de integração das diversas disciplinas particulares em uma teoria e uma metodologia unificadas, construídas com a preocupação de captar a totalidade do objeto.

2º da possibilidade de levar os construtos hipotéticos contidos nas perspectivas teóricas a um nível de maior relevância teórica e empírica. Este segundo aspecto se relaciona com o problema da univocidade da linguagem na ciência. Através da operacionalização se torna possível levar os conceitos das ciências humanas (conceitos de objetos construídos) a um maior grau de precisão empírica, sem deixar de lado a relevância teórica superando a ambiguidade e a fluidez frequentes neste tipo de conceito.

### SUMMARY

This work centers upon the analysis of four different theoretical perspectives about the adolescence problem. Concerning these perspectives, the following questions were examined:

19) The convenience of a "complementarity" of the different perspectives which make possible a more complete sight of the object under study, emphasizing the necessity of integration of the different peculiar disciplines in a unified theory and methodology, built up with the preoccupation of enclosing the object in its totality.

29) The possibility of transferring the hypothetical constructs enclosed in the theoretical perspectives to a level of higher operational validity. This can be achieved through the operations of those aspects suitable of being specifically elaborated, and of greater theoretical and empirical meaning.

This second aspect is related to the question of the univocity of the scientific language. The possibility of raising the concepts of humanistic sciences to a higher level of empirical, precision, without disregarding their theoretical meaning and overcoming the frequent ambiguity and vagueness in this type of concepts can be achieved through operations.



## Introdução "I"

O objeto deste trabalho é em primeiro lugar a análise das principais contribuições de algumas perspectivas teóricas ao estudo do problema da adolescência; em seguida, passaremos a um ensaio de dimensionalização e operacionalização daqueles aspectos que parecem oferecer maior relevância e possibilidade de tratamento científico muito embora se encontrem por vezes envoltos em formulações discursivas que contêm abundantes elementos impressionistas. Desta forma, junto à elaboração teórica, haverá também uma seleção das proposições que nos parecem mais viáveis cientificamente.

Podemos oferecer várias justificativas para este tipo de trabalho. A primeira seria a utilidade do estudo comparativo das teorias a cerca de um problema quando o objetivo desta comparação é contrastá-las como elemento para um estudo pluridisciplinar. Uma segunda justificação, mais ligada ao propósito deste trabalho, seria a elaboração teórica e desagregação dedutiva para localizar áreas teóricas úteis a investigação científica. O estudo comparativo pode contribuir para colocar em relêvo as zonas comuns e os pontos de convergência entre as várias perspectivas teóricas, ampliando assim sua capacidade de descobrimento na medida em que se apoiem reciprocamente e se transfiram seus respectivos "insights" e resultado. Sem dúvida alguma, é preciso admitir que isto não se faz com a frequência necessária e que o mais comum é que cada perspectiva trabalhe isolada



das outras sem que se produzam efeitos de enriquecimento mútuo.

Um<sup>a</sup>s poucas palavras agora acêrca da relevância do tema da adolescência e juventude .Por uma série de circunstâncias de ordem diversas, a juventude adquiriu uma importância singular nas sociedades contemporâneas. A difusão e a relativa popularidade do tema, a frequência com que é objeto de trabalhos científicos e ensaio intelectuais tem origem principalmente na vinculação dos jovens a grandes movimentos sociais e políticos e também na intensificação da crise da adolescência que atinge tão intimamente a vida familiar. Tudo isso contribuiu para que a visão individual e social do problema tenha se ampliado continuamente. Acrescente-se a isso que a maior densidade de jovens nos países sub-desenvolvidos lhes conferiu uma situação particular que aumentou sua importância social em vários aspectos. Ajunte-se ainda os fenômenos de consumo, tão enfatizados pela propaganda, que tendem a exacerbar a tendência consumidora dos jovens. Tudo isto tem uma importância inquestionável na identificação dos jovens com seu papel na sociedade. A situação assim criada é complexa e dialética pois os jovens tendem por um lado a conformar-se com a imagem que os adultos projetam sobre eles e por outro, rechaçam-na violentamente adotando atitudes e comportamentos decididamente rebeldes. De qualquer modo, a transição adolescente assim como o problema da juventude, são temas de grande significação

real pois referem-se a uma etapa transcendental na vida humana.

O trabalho consta de várias partes. Na primeira, expomos sumariamente quatro perspectivas teóricas que constituem marcos importantes no tratamento do tema. A exposição é sintética e seletiva e se propõe a apresentar de forma ordenada os principais conceitos desenvolvidos por cada um dos autores assim como as relações recíprocas que se estabelecem entre eles. Na segunda parte, procedemos a uma tentativa de dimensionalização e operacionalização de alguns dos mais importantes conceitos apresentados no capítulo anterior. Nesta segunda parte, o objetivo é atingir um grau de desagregação dedutiva que permita a localização de índices que relacionem as proposições teóricas com seus objetos observáveis correspondentes.

## Capítulo 1

### APRESENTAÇÃO DAS PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Na literatura de ciências sociais, o problema da adolescência se caracteriza pela apresentação de uma ampla gama de perspectivas analíticas (biológicas, psicológicas, sociológicas e culturais) que propoem várias explicações do fenômeno. A rigor, o que predomina são as perspectivas parciais que destacam alguns fatores em detrimento de outros de não menor importância que são por vezes totalmente ignorados. É certo que a especialização e a divisão intelectual do trabalho bloqueiam a possibilidade de uma visão mais integral do problema que é por isso sempre tratado com um enfoque parcial que poderá ser profundo mas que forçosamente tem que ignorar aqueles aspectos que caem fora desta perspectiva.

Assim, tendo em conta esta dificuldade, nada impede que tomemos diferentes enfoques disciplinares e os tratemos de forma complementar contribuindo talvez para a ampliação e enriquecimento da perspectiva desde a qual se enfoca o tema da adolescência. Esta perspectiva múltipla poderia contribuir para reforçar a capacidade explicativa das várias disciplinas.

Os autores que vamos analisar são alguns dos maiores especialistas do tema. Vamos apresentá-los agora com uma breve referência que será mais tarde ampliada com algumas informações sobre sua filiação científica e o sentido de sua contribuição ao problema.

1. Para a perspectiva antropológica escolhemos Margaret Mead, uma destacada antropóloga norte-americana que se dedicou extensamente ao estudo do problema da adolescência em várias culturas primitivas e contemporâneas tendo realizado alguns estudos de campo pioneiro e análises comparativas valiosas sobre o desenvolvimento da personalidade adolescente.

2. Para a perspectiva sociológica, escolhemos um sociólogo israelense S.N. Eisenstadt que realizou um dos primeiros e mais importantes estudos comparativos sobre a posição estrutural e a função social dos grupos juvenis e sobre o problema da sucessão de gerações.

3. Para a perspectiva psico-social, escolhemos E.H. Erikson que reformulou o enfoque psicanalítico clássico do problema da adolescência a partir de uma perspectiva mais interacionista e psico-social.

4. Finalmente, para a perspectiva psicanalítica selecionamos A. Aberastury que é um psicanalista Kleiniana de origem argentina que realizou uma grande investigação clínica com adolescentes e publicou recentemente dois importantes trabalhos enunciados na bibliografia.

Passaremos agora a uma apresentação sintética de suas principais contribuições ao estudo do problema da transição adolescente, tratando de reter os conceitos que nos parecem ter um maior valor heurístico e também um maior grau de flexibilidade para sua operacionalização científica.

## 1.1. A PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA

M. MEAD.

Em seus dois primeiros livros, "Coming of Age in Samoa" (1928) e "Growing up in New Guinea" (1930), Margaret Mead iniciou um trabalho pioneiro, do ponto de vista antropológico, do desenvolvimento adolescente nas culturas primitivas, extendendo-se, logo em seguida, a uma série de estudos comparativos acêrca da situação do adolescente na sociedade norte-americana. Discípula de Franz Boas que prefaciou seu primeiro livro, e de Ruth Benedict situou-se assim dentro da grande tradição da antropologia cultural a qual legou contribuições muito significativas entre elas os estudos sôbre o desenvolvimento adolescente.

A corrente da antropologia cultural se baseou em uma série de postulados teóricos e pressupostos metodológicos que configuravam em grande parte, uma atitude crítica frente às atitudes científicas predominantes até o momento no campo da investigação antropológica. Em primeiro lugar, caracterizou-se por uma rejeição enfática da maneira como as perspectivas etnográficas haviam abusado do método comparativo no afã de fazer generalizações significativas do tipo transcultural. Contra esta perspectiva se afirmou a necessidade de considerar a história de uma maneira relevante, isto é, a história como o crescimento e desenvolvimento de cada cultura em particular. Desta maneira poder-se-ia chegar a reconstrução intelectual da unidade e da peculiaridade de uma determi

nada cultura de forma a poder inferir dela as fautas de comportamento e de relacionamento de seus indivíduos.

Em segundo lugar, tentou superar o mecanismo culturalista afirmando que "a systematic description of human activities gives us very little insight into the mental attitudes of the individual. His thoughts and actions appear merely as expressions of rigidly defined cultural forms. The personal side of the life is almost eliminated in the systematic presentation of the cultural life of the people... And yet the way in which the personality reacts to culture is a matter that should concern us deeply and that makes the study of foreigner cultures a fruitful and useful field of research" (Boas in M. Mead, 1953 prefácio). Nesta citação encontramos elementos para duas observações muito importantes. Por outro lado, a atitude de rejeição parcial do determinismo culturalista com a afirmação de que o indivíduo não é um reflexo cego dos padrões culturais de sua sociedade. Por outro lado, destaca-se a autonomia relativa do indivíduo frente à cultura, com sua capacidade de reação e de re-elaboração da cultura. Certamente o grupo não foi sempre fiel a este princípio teórico que resgatava a autonomia relativa dos aspectos psíquicos do indivíduo. Sem dúvida é preciso recordar aqui a grande importância que a perspectiva psicologista, que como se vê começa com o próprio Boas, alcançaria dentro da antropologia cultural uma década depois na obra de Kalpk linton "Cultura e Personalidade" e em seguida nos importantes trabalhos empíricos que este antropólogo realizou junto às psicanalistas Abraham Karoliner,

("Indivíduo e Sociedade" e "As Fronteiras Psicológicas da Sociedade")

Finalmente, temos a crítica da idéia de uma natureza humana, imutável e assentada sobre uma imovível base biológica. Este questionamento foi dirigido não apenas contra os instintivistas mas também contra a psicanálise ortodoxa. A antropologia cultural tenta se colocar - talvez em vão - no meio do caminho entre os dois determinismo, o culturalista e o biológico. Seu ponto fraco, o aspecto que impediu que se elaborasse uma boa fundamentação para esta posição, foi a debilidade de seus pressupostos psicológicos que ao final, levaram os antropólogos desta corrente a um neo-culturalismo mais brando e flexível, porém, do que os de seus predecessores, os etnógrafos.

Este é aproximadamente o quadro intelectual onde se situam os estudos de M. Mead sobre a adolescência. Destacando a importância pioneira de seu trabalho sobre Samoa, Franz Boas se expressou assim: "When we speak about the difficulties of childhood and of adolescence, we are thinking of them as unavoidable periods of adjustment through which everyone has to pass. The to hole psycho-analytic approach is largely based in this supposition. The anthropologist doubts the correctness of these views, but up to this time hardly anyone has taken the pains to identify himself sufficiently with a primitive population to obtain insight into these problems... The results of her painstaking investigation confirm the suspicion long held by anthropologists that much of what we ascribe to human nature is no more than a reaction to the

restraints put upon us by our civilisation" (ob.cit.). Certamente o que Boas afirma e que este trabalho de M. Mead demonstra é a extraordinária maleabilidade da personalidade adolescente para responder com plasticidade a condições culturais diferentes.

É hora de perguntar: em que consiste, segundo a nossa autora, o problema adolescente, isto é, quais são seus traços e parâmetros fundamentais, suas peculiaridades e qual é a possibilidade de generalizar e universalizar a situação adolescente? Podemos responder com suas próprias palavras usando uma passagem muito ilustrativa de seu estudo sobre Samoa: "In the course of development, the process of growth by which a girl baby becomes a grown woman are the sudden and conspicuous bodily changes which take place at puberty accompanied by a development which is spasmodic emotionally charged, and accompanied by an awakened religious sense, a flowering idealism a great desire for assentation of self against authority - or not? Is adolescence a period of mental and emotional distress for the growing girl as inevitably as teething is a period of misery for the small baby? Can we think of adolescence a time in the life history of every girl child which carries with it symptoms of conflict and stress as surely as it implies a change in the girl's body? (M. Mead, 1953, p.196). Sua resposta é viementemente negativa. A crise de adolescência não é um problema biológico, que se deriva necessária e invariavelmente da maneira como se produz o desenvol-



volvimento corporal nem tampouco um estado constante que provenha sempre do psiquismo juvenil.

Para M.Mead, a crise da adolescência é essencialmente o resultado de uma situação cultural portanto, não é constante nem apresenta invariavelmente os mesmos traços. M.Mead demonstrou esta afirmação, assinalando que, ao contrário dos EUA, não, havia crises de adolescência nas culturas samoana e de Manus, (Nova Guinéia) ainda que em ambas características da transição diferissem tanto como suas pautas culturais gerais. "If it is proved that adolescence is not necessarily a specially difficult period in a girl's life-and proved it is if we can find any society in which that is so-then what accounts for the presence of storm and stress in American adolescents? (M. Mead, 1953, pág.197) A resposta é que deve haver algo nas respectivas culturas que explique a diferença, isto é, a existência ou não da crise da adolescência. Em outras palavras: o que explica que aquilo que está presente na cultura norte-americana não esteja na cultura samoana? Depois que reconheceu que o problema tem muitas implicações que não podem ser todas assumidas simultaneamente, M.Mead assinala que a questão essencial se centra em "The way in which aspects of Samoan life which irremediably affect the life of the adolescent girl differ from the factors which influence our growing girls". (M. Mead, 1953, p.198)

Basicamente, a diferença se explicaria em que a sociedade samoana é mais homogênea e estável e menos conflitiva que a

norte-americana..Nesta última,a tradição puritana depositou uma carga de sentimento de culpa sobre o super-ego,desenvolvendo fortes compulsões internas,muitas vezes contrária às disposições individuais.Paralelamente,a competição da vida norte-americana e a necessidade de ascensão social junto à valorização da atividade e das coisas práticas produzem condições externas que são ameaçadoras para o adolescente.Na sociedade samoana,os sentimentos são menos intensos,é menor o envolvimento emocional e os conflitos estão muito bem institucionalizados.Além disso,não há deuses implacáveis dispostos a enfurecer-se facilmente e a castigar os que afetam a paz de sua vida cotidiana.Ninguém é pressionado ou punido porque não se desenvolve rapidamente como ninguém é tampouco forçado a fazer coisas em relação as quais não se sente disposto.

Na sociedade samoana,a adolescência transcorre sem crise, aparente porque,entre outras razões,os adultos não tem,em relação aos jovens,um conjunto de regras rígidas e compulsórias para forçar-lhes a se desenvolverem de acordo com elas.A sociedade é em geral permissiva,particularmente com os adolescentes.Cada um destes tem amplas possibilidades de expressão de suas peculiaridades idiossincráticas e de sua individualidade sem que isto acarrete qualquer conflito com as expectativas adultas.

"In this casual attitude towards life,in this avoidance of conflict ,of poignant situations,Samoa contrasts strongly.. which America" (M.Mead,1953,p.199) e também na presença ou au

sência da crise de adolescência. Assim sendo, é a cultura, como a autora analisa minuciosamente, sua principal causa determinante.

Estas diferenças encontram-se profundamente enraizadas na personalidade social básica onde as disposições psíquicas se fundem com os traços culturais. Em Samoa, a personalidade ideal, pode ser descrita como conformista, cooperativa, submissa e não-conflitiva, valorizando pouco o prestígio pessoal e o êxito material. A personalidade norte-americana é em termos esquemáticos, o oposto e revela, já em sua origem, os elementos tensionais e conflitivos que em pouco aflorarão de maneiras diversas na crise de adolescência tanto como dificuldades para ingressar no mundo adulto e assimila uma cultura heterogênea e contraditória, como ainda obstáculos para a expressão da individualidade.

Foi precisamente esta preocupação com a formação da personalidade que levou a M. Mead a dar tanta importância ao processo de socialização, especialmente quanto à aquisição de pautas culturais como elemento muito significativo na organização da estrutura psíquica. A dinâmica cultural analisada nestes trabalhos foi principalmente a de sucessão de gerações; interessou-se também pela situação dos agentes humanos e suas relações com o processo de transmissão cultural. O conteúdo da cultura não é menor importante pois dele deriva a natureza da transição de adolescência, com ou sem crise. Quanto a este aspecto, M. Mead não pôde - devido à sua formação descer a níveis mais pro

fundos que o nível meramente interacionista; a crise pode restar subjacente a níveis muito mais profundos e permanecer latente como uma tensão interna que não se exterioriza no comportamento, não indiretamente na conduta mas que não obstante produz consequências na organização da personalidade. Este é um problema de difícil aceitação para a antropologia cultural uma vez que esta enfatiza a exteriorização da personalidade e não sua dinâmica interna.

### 1.2 - A PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA S.N. EISENSTADT

Este autor escreveu em 1956 um livro fundamental que é já um clássico no assunto intitulado : "From Generation" e com o subtítulo "Age Groups and Social Structure" no qual se analisando uma grande quantidade de fontes principalmente antropológicas ele faz um grande esforço para ver qual era a situação dos grupos juvenis na estrutura social. Seu trabalho foi grandemente influenciado pela obra de Talcott Parsons que - como se sabe, é o principal representante do funcionalismo sociológico norte-americano, do qual tomou uma série de conceitos que são chaves na sua análise. Por exemplo, a idéia da sociedade familista, de função social, de designação, de status, chamadas de "pautas variáveis" e outros. O funcionalismo enfatiza muito a idéia de integração social e de função como uma contribuição integradora. Destaca também os aspectos interativos e relacionais do comportamento social.

Mais recentemente Eisenstadt escreveu um ensaio intitula

do "Archetypal Patterns of Youth" (1961) no qual condensou e atualizou suas idéias sobre a transição adolescente concebida como um processo social. Por sua maior atualidade e sistematização vamos levar em conta principalmente este trabalho.

A princípio assinala como a idade e a diferença de idades tem diferentes definições culturais. Neste sentido, a cultura usa a idade como um elemento fundamental para dois processos - primeiro, o da formação da própria identidade (aspirações, autopercepção, imagem social e sentido último da vida) segundo, a idade é também um regulador social primário da divisão social do trabalho (designação do status e papéis sociais). "The cultural definition of an age span is always a broad definition of human potentialities, limitations, and obligations at a given stage of life" (Eisenstadt, 1965.p.29).

A definição cultural da idade é relacional e forma uma série de conjuntos nos quais o sentido de um depende dos outros. Assim a definição do que é adolescência depende do que é que se considera infância e idade adulta. Pode-se agregar que com respeito ao sexo estas definições dos agrupamentos etários são complementares. "Each age span is defined differently for either sex, and these definitions are usually related and complementary, as the "sexual image" and, identity, constitute basic elements of man's image in every society (1965, p. 31)

A definição cultural da idade conduz imediatamente a outro problema de uma grande importância que é o da transição,

de uma idade a outra, isto é, como se passa de uma categoria social etária à seguinte, e também, qual é o significado que esta mudança tem em termo de auto-imagem, percepção do tempo, progresso na vida. Uma das transições mais importantes é sem dúvida a transição juvenil durante a qual o adolescente é preparado para o desempenho de papéis adultos. Neste período se cria uma situação de "rele moratorium" no qual se permite aos jovens o desempenho de vários papéis sem ter que (e poder) eleger definitivamente nenhum. Contudo o jovem ainda não é reconhecido como adulto no seu mais amplo sentido, quer dizer, como um membro pleno da sociedade.

E a transição juvenil é importante não somente por este, ensaio para o desempenho de papéis adultos e por sua preparação para eles (educação), como também, porque no plano psicológico é o momento no qual o indivíduo adquire os mecanismos psicológicos básicos de auto-regulação e auto-controle, que se dá quando sua auto-identidade alcança um alto grau de cristalização (Ib, id, p. 32)

Esta transição costuma ter um tratamento social complexo que alcança seu ápice nos "ritos de passagem" e cerimônia de iniciação, que são formas extremas de dramatização ritual da transição da adolescência à idade adulta. Eisenstadt assinala quais as características destes ritos de passagem nas sociedades primitivas, mas teríamos de acrescentar a suas pontualizações todos os resquícios que se encontram nas sociedades modernas e contemporâneas que dizem respeito a coisas tão va

riadas como ingresso às ocupações, fim dos estudos, vestimenta e outras mais sutis como o tratamento que os jovens recebem dos adultos.

Para Eisenstadt o que é fundamental para a definição da natureza da transição é o tipo de organização social em que ela se desenvolve, isto é, "the social context in which the process of growing up is shaped and structured" (pág. 34). Portanto pode-se assinalar dois critérios básicos comuns a todo tipo de sociedade que são os que dão sua forma à organização social no período da juventude, uma é a medida em que a idade em geral e a juventude em particular constituem um critério para a designação de papéis na sociedade fora da família (economia, política, religião e etc.) O outro é a medida na qual uma sociedade desenvolve grupos de idade, como os movimentos juvenis. Se os papéis acrescenta Eisenstadt -designam-se na sociedade de acordo com a idade, isso influi grandemente na maneira como a idade constitui um componente da auto-identidade.

Em tais casos a juventude se constitui numa fase de transição muito importante e definitiva para o desenvolvimento do indivíduo e sua nascente identidade entra em estreita relação com os valores culturais e os modelos dos papéis da sociiedade.

O desenvolvimento concreto da identidade estará, por outro lado, ligado à participação comum de diversas gerações no mesmo grupo social (como ocorre na família, por ex.) ou pela

organização de pessoas da mesma idade como membros de grupos específicos e diferentes dos de outras idades sociais. Os grupos de idade em termos gerais e de jovens em particular tendem a surgir nas sociedades onde a família ou grupo de parentesco não podem assegurar a obtenção de um status social pleno para os seus membros. Estas condições aparecem nas sociedades nas quais a família ou o grupo de parentesco não constituem a unidade básica da divisão social do trabalho. Nesses casos a identificação dos filhos e a sua estreita identificação com os membros de outras idades da família não assegura a obtenção da plena auto-identidade e tampouco a maturidade social dos filhos. A consequência disso é a formação de grupos de pares e especialmente de grupos juvenis, os quais servem como uma mediação na fase transitória entre o mundo infantil e o mundo adulto (ib. id. p. 36). Nessas condições os grupos juvenis são uma importante fonte de experiência e são de transição de grande relevância na obtenção de uma maior autonomia com respeito à família, da auto-identidade e da maturidade social através do ingresso nas ocupações e a formação de uma família própria.

Nas sociedades modernas é possível encontrar uma intensa propagação de grupos jovens e movimentos juvenis os quais dão origem a uma frondosa cultura, juvenil. Porém diferentemente dos grupos juvenis de outras culturas, os jovens da sociedade moderna formam grupos que permanecem isolados. Na verdade eles não fazem parte de uma série institucionalizada de grupos de idade.



Esse fato segundo Eisenstadt - conduz a uma articulação defi  
ciente da juventude dentro do marco da organização social. Por  
isso a capacidade de intermediação desses grupos é muito limi  
tada pois não chegam a preencher bem a sua função de meios de  
introdução progressiva no mundo adulto do qual encontram-se ,  
em grande parte desconectados e muitas vezes em conflito.

As semelhanças com os grupos juvenis das sociedades pri  
mitivas são mais aparentes que reais, é por isso que os parale  
los são somente parciais "The most important differences are  
woted in the fact that in the modern, the development of  
specific youth organizations is paradoxically connected with  
the weakening of the importance of age in general and youth  
in particular as definite critéria for the allocation of  
roles society" (ib, id, p.40). Assim, o estreito vínculo entre o  
crescimento da personalidade, a maturidade psicológica e os mo  
delos de papéis definitivos derivados do mundo adulto ficavam  
fortemente debilitados. Esta nova situação criou a emergência,  
do problema das tensões adolescentes nas sociedades modernas.  
Ainda que algumas dessas tensões conflitivas sejam comuns aos  
adolescentes de todas as sociedades, se tornam porém especial  
mente agudas nas sociedades modernas pelo deslocamento estru  
tural dos grupos juvenis.

Entre elas, as tensões mais importantes são: primeiro, o de  
senvolvimento corporal do adolescente que constitui um pro  
blema para ele. Segundo, a orientação do adolescente para os  
principais valores da sociedade está bloqueada por um conjun

to de dificuldades. O adolescente rejeita enfaticamente a extrema idealização dos valores sociais que ele foi forçado a assimilar durante uma etapa infantil principalmente por sua irrealidade e contradições. Fazendo isso o adolescente encontra-se numa situação de grande incerteza potencial e de não menor ambivalência em relação ao mundo adulto.

Nessas circunstâncias o adolescente trata de se desprender ainda mais do mundo adulto e para consegui-lo age de diversas maneiras. Nas ideologias dos grupos juvenis modernos pode-se encontrar esta clara tendência para a enfatização da descontinuidade entre mundo juvenil e mundo adulto. Aqui, aparece novamente uma oposição maniqueísta "jovem bom e a adulto e adulto mau". No conteúdo das ideologias juvenis apresentar frequentemente variações de alguma importância: cinismo, idealismo, desviação-rebelião, isolamento-participação, e não poucas traduzem um potencial de insegurança e ausência de um sentimento adequado de auto identidade.

A natureza desses grupos e movimentos juvenis depende em grande parte do estado geral da sociedade e dos seus processos de mudança. Quando a transição para a modernização, realiza -se de uma maneira brusca e conflitiva, e há profundas falhas na estrutura social e um questionamento generalizado da estrutura do poder, os grupos juvenis costumam ter papeis principais nesses processos, especialmente os grupos de estudantes universitários.

Nas sociedades desenvolvidas, a tendência atual é de a

ceitação dos grupos juvenis pelo menos na área educacional e cultural da sociedade. Apesar disso o exito na incorporação orgânica desses grupos tem sido reduzido pela presença de forças que contrabalançam essas tentativas. Na sociedade de massas pré-industrial apresenta-se por uma parte um processo de rotinização e empobrecimento dos valores coletivos de falta de ideais na vida política ou de crescente apatia ideológico .

Nessas circunstâncias aparece o que Rieshan chama o "culto do imediato", isto é uma condição na qual o presente é enfatizado em relação ao futuro porque este perdeu a sua capacidade diferenciadora. Assim é pouco e insignificante o que se separa do futuro, se vive o imediato, se consome, se vegeta.

Essas condições resultam evidentemente pouco atrativas para o idealismo juvenil, no qual muitos, geralmente os mais inquietos, questionam a justiça da ordem social vigente e ao fazê-lo se afastam ainda mais dele. É certo que somente uma minoria de jovens participe desses movimentos juvenis de repulsa da sociedade de consumo. Isso ocorre naturalmente mesclado ao empobrecimento relativo da vida social e da falta de atrativo que a condição de adulto apresenta.

Concluindo, o diagnóstico de Eisenstadt sobre a situação do jovem não é tão pessimista como parece porque assinala que na sociedade pré-industrial tem boas condições para obter a sua autonomia pessoal, para desenvolver a sua criati

vidade e para desenvolver a sua auto identidade durante o período juvenil. Para esse autor, o essencial é o tratamento social da idade, e a posição dos grupos juvenis na estrutura social. Para sua perspectiva estrutural-funcional o que conta fundamentalmente é a posição dos grupos juvenis e a forma como contribuem (ou não) para a realização das principais funções sociais: a formação da identidade social e a designação de papéis (na economia, política, etc) na divisão social do trabalho.

### 1.3 - A Perspectiva Psico-Social: E.M. Erikson

Este autor tem realizado algumas contribuições muito importantes para o estudo do problema da adolescência. Entre uma longa série de trabalhos dedicados a psicologia evolutiva vários dos seus livros constituem contribuições destacadas para a compreensão da natureza da fase adolescente.

A sua obra é resultado da influência de duas correntes, teóricas, a psicanálise e o condutismo social de George H. Mead, e qual se esforçou para conciliar não obstante os seus pressupostos gerais epistemológicos diferentes. Graduado no Instituto Psicoanalítico de Viena no princípio dos anos 30, realizou sua análise didática com Anna Freud, com a qual também começou o seu treino na psicanálise de crianças e onde, conheceu Heinz Hartmann do qual tomou duas principais idéias, sobre as funções adaptativas do eu. Posteriormente emigrou para os Estados Unidos, na época da implantação do nazismo e re

cebeu o impacto da grande influência que tinha nesse momento sobre a psicologia norteamericana a obra de G.H.Mead que partindo de alguns elementos do condutismo watsoniano plantou as bases fundamentais da moderna psicologia social interacionista.

A este respeito o seu pensamento é multifacetado e não, desdenhou a utilização de todas as perspectivas imagináveis que encontraram-se de algum modo englobadas em sua complexa concepção da identidade adolescente. Tensões internas dentro de cada uma das dimensões : tensão entre ambientes, dimensão temporal evolutiva e histórico-social, biografia, história, todos enfoques imagináveis foram testados para rodear o conceito e por todos os lados possíveis e enriquecer seu conteúdo. Assim apresentado, embora de uma maneira muito desconexa, e nem sempre sistemática, seu pensamento sobre a formação da identidade e a sua crise no período adolescente tem uma grande significação para a prática e a investigação clínica, e também talvez para a investigação científica de tipo experimental. É evidente que nos seus trabalhos Erikson não se propõe desenvolver uma rigorosa teoria científica e sim dar uma visão a mais completa possível do problema com "insights" muitas vezes brilhantes e originais, que podem servir para novas reflexões especulativas ou para indagações mais específicas, que se proponham fundamentar conjuntos sistemáticos de proposições apresentadas de uma maneira operacionalizável. Em termos empiristas, uma contribuição intelectual desta natureza

não é estritamente científica; tem contudo uma grande importância heurística na medida em que abre novos caminhos, sugere relações anteriormente não exploradas e reorganiza quadros teóricos prévios integrando perspectivas que em sua origem e desenvolvimento estiveram desvinculadas. O próprio Erikson não ignorou a possibilidade desta crítica epistemológica que podia ser feita partindo da perspectiva do positivismo científico e respondeu com uma grande lucidez: "Talvez as grandes idéias transformadoras contenham sempre apenas um número limitado de suposições autenticamente verificáveis ou suficientes para estabelecer algumas raízes permanentes na observação, ao mesmo tempo que se ramificam em novas imagens o mundo" (1.972, p.55) Quando dizia isto se referia certamente as idéias de Freud, nas que podiam-se encontrar tantos tipos de conceitualização que o levaram a "Fazer as pautas do pensamento de milênios até o momento da introspecção científica (p.55).

Porém poder-se-ia supor que as suas observações são dirigidas a ele mesmo e a sua obra, tão multiforme e variada tanto no seu desenvolvimento como nas suas origens e com uma cota de imaginação sempre muito sistemática. Neste caso, efetivamente Erikson fez um grande esforço, provavelmente o maior de todos, para vincular Freud com G.H. Mead, e tem-se que admitir que de certo modo conseguiu juntar elementos de ambos fundadores para entrar numa temática nova de grande importância psicossocial.

Como nos outros casos, fazemos uma relação dos seus prin

principais conceitos referentes ao problema da adolescência. Na realidade os conceitos centrais que examinaremos são dois: a chamada "moratória psico-social" e o tema da "difusão da identidade".

A moratória psico-social se define como um amplo compasso de esfera que a sociedade abre ao adolescente através de suas instituições primárias (família e grupos pares) e secundários (escola, ocupação, etc.). Estas instâncias sociais são as principais fontes externas de definição das obrigações e responsabilidades que o adolescente tem que assumir. Segundo Erikson, muitas destas obrigações sociais são postergadas ou ficam latentes enquanto o adolescente se desenvolve plenamente. Ao mesmo tempo a sociedade lhe oferece a possibilidade de experimentar uma grande variedade de papéis diversos que tem a propriedade de ser uma espécie de introdução a estrutura social adulta. Logo, a idéia da moratória que supõe uma flexibilização da estrutura social no que concerne as áreas de participação no mundo adulto. A moratória psico-social não é uniforme. Portanto, se encontra diferencialmente codificada e regulada em cada sociedade e cultura, e dentro delas em relação às classes sociais, étnicas e agrupamento subculturais.

O problema da "identidade", principalmente a identidade do adolescente se encontra intimamente relacionado com a moratória psico-social através da importância que Erikson atribuiu no desenvolvimento, a introjeção e a formação da identidade. O mecanismo de introjeção é definido como a incorporação pri

negativa da imagem' outro. .A qualidade positiva ou ne-  
gativa da introjeção depende da natureza dos vínculos estabe-  
lecidos entre a criança e os adultos próximos. Se estes víncu-  
los estabelecidos tem caráter mútuo e amoroso dão lugar a for-  
mação de um sentimento interior de segurança na criança.

Nisto Erikson segue de perto a G.M.Mead, sobretudo pelo  
papel central que ele atribui na sua análise ao conceito de  
"outro significativo". Quando a imagem deste é introjetada pas-  
sa a ser um dos principais pontos de referência emocional. A  
natureza do "outro significativo", seja autoritário ou permissi-  
vo ou qualquer outra coisa, tem uma grande influência na forma-  
ção da identidade. É preciso considerar que a influência pode,  
ser positiva ou negativa para a orientação do comportamento  
infantil.

Na experiência infantil a criança interage com uma série  
de adulto, nem todos sendo necessariamente "outros significativos"  
porém ao representar uma série diferente de papéis e experiên-  
cias sociais estes adultos oferecem múltiplas possibilidades  
de identificação. Isto enriquece sua experiência e é ao mesmo  
tempo, uma fonte de identidade.

Para o nosso autor, o aparecimento do sentimento de iden-  
tidade é um processo essencialmente dialético no qual a di-  
mensão psicológica interna e as condições sociais externas,  
se fundem numa nova síntese que é a identidade.  
Assim esta não é resultado passivo dos condicionamentos so-  
ciais e nem tampouco da autonomia do ego. Em suas próprias pa-



lavras: "Em consequência, a identidade final tal como esta determinada no final da adolescência encontra-se acima de qualquer identificação simples com indivíduos do passado inclui das identificações significativas mas também as altera com a finalidade de fazer um todo único e razoavelmente coerente com eles". (Erikson, 1971, p. 131).

A identidade que se adquire desta maneira atinge um nível crítico na adolescência Erikson fala da "crise de identidade normativa" da adolescência a qual caracteriza desta maneira: "... as crises normativas são relativamente mais reversíveis ou melhor dito, mais fáceis de atravessar, e se caracterizam pela abundância de energia disponível que, seguramente, revivifica a ansiedade latente e faz surgir o novo conflito, embora mantêm com novas e ampliadas funções do eu na procura e no emprego lúcido de outras oportunidades e associações" (Erikson, 1971, p. 133). Como definição, este conceito é evidentemente confuso e persiste ainda mais a confusão quando é confrontado com seu par que são as crises neuróticas e psicóticas que "se definem por uma certa propensão autopreservativa, por um crescente esbanjamento da energia defensiva e por um isolamento psico-social mais profundo ..."

Um pouco mais claro é um conceito que é encontrado nesta página no qual Erikson lembra que muitas vezes a adolescência tem sido relacionada, com sintomas e episódios neuróticos e sublinha que "a adolescência não é uma doença e sim uma crise normativa, isto é, uma fase normal caracterizada por uma maior quantidade de conflitos". Evidentemente, estes conflitos tem que ser em grande parte externos, e por isso são normativos, e se referem à influência desorganizadora da "confusão de papéis" que o adolescente deve assumir nesta etapa da sua vida e que a "moratoria" diversifica particularmente. Para Erikson "a adolescência é uma crise" que, pela maneira como o indica, deveria supor permanente (durante o período), em grande parte externa e frente a qual o adolescente pode opor uma "defesa fluída" que lhe

permita encontrar uma saída através de ensaio e erro.

Qualquer crise de adolescência é de alguma maneira uma crise de identidade tanto no que diz respeito a si mesmo (identidade do eu) quanto no que diz respeito ao seu ambiente externo (identidade social). Para Erikson a crise apresenta aspectos saudáveis na medida em que se constitui numa reorganização do eu e na mobilização de energias psíquicas disponíveis e "não contaminadas" para alcançar uma nova síntese ao nível da personalidade total.

A idéia de crise de identidade é um conceito que o autor elaborou de uma maneira muito completa desagregando aspectos psicológicos sociais e psico-sociais. Começamos assim com os aspectos psicológicos. Neste sentido a crise é ao mesmo tempo consciente e inconsciente na medida em que se encontra, por um lado, um sentido de continuidade e igualdade pessoal e por outro é um tipo de "viver-não-consciente-de-si-mesmo". A combinação e integração destes dois planos dá lugar à emergência de um conjunto unificado formado por aquilo que é dado de maneira irreversível (somatotipo, temperamental; talento e vulnerabilidade, modelos infantis e preconceitos enraizados) e pelos ajustes e escolhas que foram realizados mais conscientememte através do processo de ensaio e erro (papeis disponíveis, possibilidades ocupacionais, valores oferecidos, amizades feitas, encontros sexuais), tudo isso condicionado por pautas culturais e conjunturas históricas, sejam mais tradicionais ou modernas.

Este processo de integração psicológica está "acossado pela dinâmica do conflito" (termo este que o autor não define) que altera e opõe barreiras às possibilidades de integração e no seu clima pode conduzir a estados mentais contraditórios tais como um sentimento de vulnerabilidade exacerbado e, alternativamente, um outro de grandes perspectivas individuais"

Pode-se supor que este conflito tem também várias dimensões que são, uma parte da própria crise.

A crise possui seu próprio período evolutivo antes do qual dificilmente pode ocorrer pois as pré-condições somáticas, cognitivas e sociais não se deram ainda. Também não pode ocorrer depois, deste período pois os desenvolvimentos imediatos e futuros da adolescência são dependentes dele. Finalmente, neste sentido evolutivo, depende parcialmente de fatores psicológicos os quais dão tanto a base somática ao processo como um sentido coerente de "me social de um organismo". Assim sendo, a crise tem uma dimensão temporal já que ela se estende "tanto ao passado quanto ao futuro" e vincula, a infância com cada uma das etapas evolutivas que se seguem (1971, p.12).

Os aspectos sociais da identidade dependem do ambiente externo e da qualidade das relações sociais mais imediatas do adolescente. "Nenhum eu constitui uma ilha para si mesmo. No decorrer da vida o estabelecimento e manutenção desta força que pode reconciliar descontinuidades e ambiguidades (quer dizer o que permite superar a crise) depende do apoio, primeiro, de modelos parentais e, depois, de modelos comunitários. Num nível mais amplo Erikson sustenta que "a juventude, em particular, depende da coerência ideológica do mundo que supõe-se, deverá gerir mais tarde e que deverá confirmar e aderir ou recusar e combater através do seu processo de aquisição da identidade social (1971, p.12/13). Assim a coerência da sociedade, dos seus valores, e ideologias é um componente essencial no processo de formação da identidade e nas crises que inevitavelmente o acompanham. Neste sentido convém reiterar que a diferença entre identidade e crise não é clara no pensamento de Erikson e que ambos os conceitos são muitas vezes substituíveis porque são utilizados como equivalentes.

Os aspectos puramente relacionais da formação da identidade acrescenta-se uma dimensão histórica, quer dizer, surge um "aspecto psico-histórico" quando Erikson assinala que as "biografias estão inseparavelmente unidas a História" (p.13).

Mais adiante Erikson apresenta um novo elemento o qual seria o aspecto "psicosocial" quando se refere aos níveis de percepção individual e social e as diferenças que encontradas ao comparar períodos históricos, classes sociais e diversas sociedades. "A crise em ocasiões é quase imperceptível", e se apresenta "sem nenhum ruído" ; em outras a crise esta "institucionalizada mediante cerimônias, ou intensificada mediante a disputa coletiva ou conflito individual" (p.13). Dentro desta dimensão, a identidade pode aparecer como um aspecto negativo e animador ou rebelde segundo sua natureza. Nesta introjeção de imagens negativas e de repressões encontra-se frequentemente um potencial energético muito grande que pode derivar tanta para a criação, de uma força transformadora e inovadora ou para um comportamento criminoso, como pode servir para bloquear todos os aspectos, positivos da identidade contribuindo para o desenvolvimento de comportamentos retraídos e rotineiros, que são essencialmente, não criativos.

Finalmente, o que quer que seja a crise de identidade, dependerá frequentemente do pânico latente infiltrado dentro de um período histórico. Alguns períodos da história se tornam vazios, de identidade por causa de tres formas básicas da apreensão humana: "medos despertados por fatos novos... ansiedades despertadas por perigos simbólicos... e o temor de um abismo existencial desprovido de significado espiritual". (as citações anteriores, provem de Erikson, Sociedade, p.11/15).

Com a intenção de sistematizar seu pensamento em torno da idéia de identidade o nosso autor afirma que ela se encontra localizada em tres ambientes nos quais o homem vive todo tempo: a ordem somática, pela qual o organismo busca conservar sua

identidade mediante uma adaptação constante de seus meios internos a seu meio ambiente; a ordem Egoíca, que é a integração, da experiência e a conduta pessoal; e finalmente a ordem social a qual se mantém unida por organismos egoícos que compartem uma ubicação histórico-geográfica. Estes tres ambientes relacionam-se entre si gerando tensões que os põe mutuamente em perigo e que ao mesmo tempo que podem onzenar a tensão criadora do homem também podem gerar conflito debilizadores da sua ação global. A coordenação adequada destes ambientes produz-se somente nos projetos utópicos ((1971 p. 52).

Estas tensões entre os ambientes chegam a seu climax na etapa adolescente. Com efeito nela o organismo adquire sua maior vitalidade e energia, e "o eu deve integrar formas novas de experiência intensiva já que a ordem social deve proporcionar uma identidade renovada para seus novos membros, e poder assim reafirmar-renovar-sua identidade coletiva (p. 52).

Erikson, sempre destacou a importância da ideologia e no seu livro sobre o jovem Lutero atribui um significado essencial a "visão de uma ordem mundial nova", isto é, as concepções utopistas na mobilização da energia psíquica juvenil. A natureza, destes componentes tem uma grande relevância na determinação do sentido da crise de identidade como crise fundamental do desenvolvimento evolutivo porque constitui algo assim, como princípios organizadores (ou desorganizadores) do mundo proporcionando as imagens globais que dão sentido coerente ao sistema "indivíduo-sociedade-cultura". De forma que as ideologias e uto

pias podem gravitar fortemente no desenvolvimento da crise de identidade acelerando o seu dinamismo e dando-lhe uma saída positiva ou enquistando-a e mantendo larvaços seus componentes negativos.

Nestas circunstâncias do processo surge o que Erikson denomina "conforão de identidade" a qual define desta maneira: "... é uma característica do processo adolescente que o indivíduo, ceda semi-deliberadamente a algumas das suas tendências regressivas ou reprimidas para, por assim dizer, poder chegar deste modo até o fundo e recobrar algumas das suas fortalezas infantis ainda por desenvolver" (p. 15. 1972). Este seria o aspecto positivo e criativo da confusão de identidade porque este esforço de recuperação torna possível a integração de elemento profundo e ricos na configuração da personalidade juvenil. Mais adiante ele torna a tratar do problema mas agora enfatizando seus aspectos, negativos: "...uma síndrome como o da confusão de identidade não é somente questão de auto/imagens ou aspirações...contraditórias, e sim um padecimento central perigoso para a totalidade da inter-ação ecológica de um organismo mental com seu meio ambiente"; o meio ambiente do homem, afinal, é o universo social compartido (1972. p. 51). Estamos novamente diante de uma relação dialética. Já que a confusão de identidade pode ser uma ou outra coisa, positiva ou negativa, para a solução da crise de identidade segundo as condições nas quais se produz e a maneira como o ego reage diante delas, com a sua história e seus componentes e estrutura peculiars .

Como foi assinalado na análise precedente, o conceito central utilizado por Erikson para complicar a adolescência é o de crise de identidade normativa. Porém, a idéia de moratoria psico-social tem uma função mais auxiliar e complementar. Convém relembrar portanto a idéia de crise de identidade que o autor define como "um momento crucial, um ponto crítico no qual o desenvolvimento pode tomar uma ou outra direção acumulando recursos de crescimento, recuperação e diferenciação interior". (1971p.14) Este conceito tem uma elaboração muito complicada, com muitos elementos, matizes e relações que não será possível-nem necessário analisar aqui.. Lembremos por agora que o conceito de crise tem dois sentidos: um sentido genético na medida que é uma parte essencial de um processo de crescimento descontínuo no qual a crise tem uma função sintomatizadora; e tem também um sentido evolutivo como um período de intensa modificação do estado anterior que anuncia além do mais o afloramento de novos elementos dentro do sistema que é a personalidade adolescente. Esta dialética da crise de identidade é um dos aspectos de maior interesse, teórico da sua obra.

Porém, ainda restam dois pontos importantes para as etapas, posteriores deste trabalho. Um se refere a concepção pela qual este autor estabelece uma complementariedade recíproca e plena, entre o nível psicológico e o nível social. Erikson vê a crise de identidade como "um processo localizado no núcleo do indivíduo e sem dúvida também no núcleo de sua cultura comunitária, um processo que estabelece de fato a identidade entre essas duas identidades" (1971p.19).

Estes simbioses entre os dois processos conduzem a uma espécie de isomorfismo esquemático já que não se indicam quais são os níveis nem as intermediações que conectam e qualificam ambas as instâncias individual e social.

O outro aspecto muito mais essencial é o da desagregação da construção "crise de identidade normativa" que se procura analisar mais adiante. Está integrada por três conceitos: mesmidade pessoal, continuidade histórica e maturidade sexual. Estes três conceitos bastante ricos denotam claramente seus objetos. Não é agora o momento de sua definição, isto será feito mais adiante quando forem retomados para serem elaborados, dimensionados e operacionalizados. Por enquanto poder-se-ia acrescentar que estes conceitos se mobilizam em três áreas da conduta: corpo, mente, e mundo externo.

#### 1 4 - A perspectiva psicanalítica: A. Aberastury

O trabalho realizado pela recentemente falecida psicanalista argentina Arminda Aberastury a frente de uma equipe de colaboradores, no problema da adolescência, é rico em muitos sentidos. Por um lado realizou uma contribuição teórica criativa tanto no terreno da crítica intelectual ou do descobrimento teórico quanto na investigação clínica, a qual dedicou muitos anos de sua vida profissional de psicanalista. Inicialmente dedicada a psicanálise das crianças, a sua prática concentrou-se nos últimos anos nos problemas psicológicos da adolescência que investigou profundamente em particular através da experiência clínica. Daí derivaram-se novos conceitos que contribuíram a



uma interpretação mais imaginativa do processo de formação e evolução do psiquismo adolescente.

Alguns destes conceitos que nos parecem centrais no esquema geral do pensamento da autora constituirão o núcleo da nossa discussão da sua colocação e da perspectiva com a qual ela aborda o problema da adolescência. Num parágrafo muito significativo ela diz: "Entrar no mundo dos adultos-desejado e temido significa para o adolescente a perda de sua condição de criança" (A.Aberastury 1971 p.15). Assim se introduz o problema da adolescência: como uma perda, um luto. Estes conceitos que nem sempre foram elaborados detidamente pela Dra.Aberastury são essenciais para entender o seu pensamento. O que a adolescência tem de dramático é a inevitabilidade e a significação destas verdades que na transição implicada produzem um impacto profundo na formação da personalidade adolescente.

Neste período tão transcendental da vida humana ocorrem transformações corporais importantes até alcançar o desenvolvimento definitivo do organismo. Concomitantes com elas (ainda que não seus meros "derivados") são as transformações psicológicas (e também sociais) que colocam o adolescente no meio de novas pautas de relações com seus pais e irmãos, e também com o mundo social que o circunda. Muitos dos elementos deste novo ambiente são inéditos e portanto obrigam a fazer profundas adaptações na personalidade do adolescente. A relação entre estas duas ordens biológica e psicológica constitui um dos pontos mais obscuros da perspectiva de A.Aberastury. Mais adiante volta-se ao tema numa discussão mais explícita.

Esta importante transição vital só é possível na medida em que se elaboram lenta e dolorosamente várias perdas (lutos) complementares: pelo corpo de criança, pela identidade infantil, pela relação infantil com os pais e finalmente pela perda da bissexualidade.

A perda que o adolescente deve aceitar ao fazer o "luto", pela perda do seu corpo de criança" é dupla: primeiro, pelo desaparecimento do seu corpo de criança ante a metamorfose que experimenta com a aparição dos caracteres sexuais secundários; e mais tarde, numa etapa mais avançada com o reforço destes caracteres sexuais secundários o surgimento dos principais raços da sexualidade adulta: a menstruação na menina e o semem no menino que reforçam e aprofundam a definição de seus papeis sexuais. Todo este processo tem uma repercussão profunda no emergir de sua identidade social e na antecipação de sua personalidade adulta.

Nesta etapa do seu desenvolvimento assiste passivamente a uma série de mutações biológicas que transformam sua fisionomia e alteram a sua auto/imagem, com um sentimento de impotência frente ao processo que o impulsiona a deslocar sua rebeldia para a esfera do pensamento. Enquanto se produz a perda de seu corpo infantil e vai surgindo seu físico de adulto, o adolescente conserva grande parte da sua mentalidade infantil.

Esta mutação nos respectivos momentos do desenvolvimento, do corpo e da personalidade, é a fonte de um verdadeiro "fenômeno de despersonalização" que domina o pensamento adolescente.

"As palavras são as aquisições culturais transmitidas às crianças pelos pais. A perda dos objetos vai sendo substituída pelos símbolos verbais que são as palavras (peito e mãe reais são substituídas pelas palavras correspondentes). Estes símbolos podem ser manejados onipotentemente na sua substituição fantasiada, e na medida que o pensamento evolui, o conceitual simbólico substitui cada vez mais do concreto real egocêntrico" (A. Aberastury 1971(a), p. 143/4).

Neste parágrafo Arminda Aberastury relaciona o fenômeno da despersonalização na adolescência com as elocubrações altamente abstratas do pensamento adolescente apoiando-se para isso na teoria de Piaget. Tal como esta relação está apresentada se confunde o plano afetivo no que ele se apoia o fenômeno de despersonalização com o plano intelectual no qual se desenvolvem as "operações intelectuais abstratas". A experiência psicológica, segundo Piaget, incide sobre o desenvolvimento causal e introspectivo enquanto que a experiência lógica o faz sobre os "esquemas de ação". Assim a primeira pode incidir sobre qualquer tipo de ação segunda gravita sobre ações que uma vez que são interiorizadas se transformam em "operações". Quando as operações se constituem em estruturas o efeito da experiência se torna irrelevante e se procede por dedução. Mas para que se elaborem, estas estruturas operativas é indispensável que as ações se coordenem previamente e que o indivíduo descubra indutivamente suas propriedades operatórias de modo a poder interiorizá-las e usá-las dedutivamente".

Os processos biológicos que provocam a metamorfose corporal dos adolescentes de ambos os sexos (mudanças na voz, barba e pelos pubianos, menstruação, aumento dos seios, e outros) se apresentam subitamente e interrompem bruscamente as fantasias prospectivas do adolescente no que diz respeito ao como será quando crescer. A liberdade da sua fantasia anterior se enfrenta agora com a realidade do seu corpo que lhe antecipa com uma certa margem de aproximação, sua imagem de adulto..

Neste momento concorrem duas perdas importantes para a "identidade infantil". Por um lado a perda do corpo infantil conhecido, e, por outro, o do corpo que o adolescente imaginou que teria quando grande. Este vácuo é uma fonte de grande perplexidade diante do corpo que motiva muitos tipos de conduta, entre eles muitas horas, de observação diante do espelho. Toda esta expectativa vai acompanhada de uma intensa angústia a cerca de qual será o corpo definitivo quando alcançar a idade adulta. Os ensaios a respeito da vestimenta oscilam entre dois pontos: ser atraente ou passar sem chamar atenção. Nestas decisões se encontram envolvidas situações muito importantes para o adolescente que vão desde sua auto-percepção e adaptação as novas circunstâncias até as reações do seu meio família e grupo de pares.

A "perda da identidade infantil" está estreitamente ligada a dos pais da infância. O mundo infantil está baseado em oposições maniqueístas tais como "bom-mau", "correto-incorreto" e outras do mesmo estilo. Tudo era claro pois sempre todas as crises e situações se ajustavam nestas polaridades morais que usavam a condutas de definida aprovação-desaprovação. O mundo da experiência do ado

lescente não apresenta nem aproximadamente um conjunto de realidades tão claras" a respeito das quais se pudesse fazer rapidamente um juízo definitivo. O mundo do adolescente, como o do adulto, começa a ser um mundo de ambiguidade e de situações de ameaças que geram insegurança. Suas vivências já não mais apresentam os caracteres infantis de dicotomização mais também não possui a capacidade adulta de estruturação do mundo da experiência. É assim se encontra numa série de evasões e fantasias uma das quais é o idealismo que é a defesa do adolescente normal.

O tema da separação e perda da identidade infantil encontra-se ligado ao êxito na elaboração desta perda. Se o processo de "despedida" é demorado e fica encubado maior será o desgosto emocional da separação quando esta se apresenta e no momento de assumir a identidade adolescente. Neste momento, o papel dos pais é fundamental no referente a forma que toma o processo. Uns podem oferecer ao filho adolescente a possibilidade de amadurecer e separar-se bem tanto da identidade infantil quanto da imagem paterna anterior. Outros, porém, podem atrasar o processo bloqueando os desenvolvimentos autônomos do adolescente na medida em que componham um comportamento fortemente dependente.

Certamente o adolescente necessita de assumir maiores graus de autonomia para enfrentar uma variedade de situações inéditas que exigem que ele tome decisões por sua própria conta mas ao mesmo tempo estas decisões quando são tomadas são geradoras de angústias e ansiedade e de retraimentos ou rebeldia que são condutas flutuantes e bipolares por meio das quais o adolescente le

va a cabo um processo de ensaio e erro que permite alcançar as melhores adaptações possíveis ao mundo que lhe é apresentado de forma ambígua num sentido e ininteligível em outro. O grau e tipo de crise adolescente tem portanto muita relação com a forma como se processa a perda da identidade infantil e o papel que os pais desempenham neste acontecimento.

Em relação ao "luto" pelos pais da infância a nossa autora começa dizendo que "a relação infantil de dependência vai sendo abandonada paulatinamente e dificilmente. (A. Aberastury, 1971, p. 149). Sendo substituída por uma concepção mais realista e ao mesmo tempo mais crítica da sua posição diante dos pais. E assim, suas novas capacidades analíticas e sintéticas se projetam em seus pais que se tornam o alvo de suas primeiras críticas. O intenso processo de idealização parental da infância desaparece dando lugar a um novo estilo de seleção com os seres humanos e a maior proteção que deles recebe, a nova imagem que projeta sobre eles e o abandono da idealização dos pais fazem com que o adolescente viva agora uma etapa dolorosa.

A difícil tarefa de re-aprender como conectar-se com seus pais e de definir os novos padrões de relações que estabelecerá com eles, traz consigo defíceis problemas de ajuste, com encontros e desencontros, até alcançar uma definição mais madura e realista. A este respeito também é importante assinalar a ambivalência dos pais que ao mesmo tempo que observam no adolescente mutações que nem sempre entendem experimentam a dolorosa perda do "filho pequeno". Eles também entram assim numa nova etapa que se caracteriza por uma crise de desprendimento ao mesmo tempo que junto ao

filho reelaboram sua própria adolescência.

O "luto" pela perda da bisexualidade tem também uma grande significação para o aparecimento da personalidade adolescente. Poderíamos começar assinalando que uma identidade sexual normal encontra-se na confluência de tres aspectos centrais da sexualidade total: o aspecto biológico que se refere ao desenvolvimento orgânico da sexualidade; o aspecto psicológico, que se refere a auto/imagem como homem ou mulher; e finalmente, o aspecto social que concerne a definição social dos papeis sexuais.

No período infantil a sexualidade esteve bastante difusa ainda que se manifestasse como uma grande intensidade. Esta sexualidade difusa caracteriza-se por uma falta de distinções claras quanto a peculiaridade e diferença dos sexos. No terreno da fantasia a criança não diferencia muito bem a sexualidade masculina da feminina, e entre elas estão frequentes as de trocar de sexo. A adolescência impõe a renuncia a esta fantasia pois em pouco tempo os caracteres sexuais secundários e a sociedade configuram a imagem total e claramente definida do homem e da mulher. Assim, a sexualidade amadurecida se atinge reconciliando-se com o próprio sexo, agora sentido em todas as suas dimensões, isto é, fisiológica, psicológica e socialmente.

Estes são os conceitos básicos com que a Dra. Arminda Aberastury organizou e anализou o problema da adolescência. Na verdade, não estão aqui todos os conceitos que ela utiliza. Foi feita uma seleção escolhendo os conceitos considerados como de maior envergadura heurística. Outros conceitos e idéias são mais impressionistas e menos malleáveis ao tratamento científico, e por isso não

foram abordados. Mais adiante tentaremos mostrar como é possível fazer a dimensionalização e operacionalização de alguns dos conceitos apresentados.

## CAPITULO 2

### DIMENSIONALIZAÇÃO E OPERACIONALIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES

Esta parte do trabalho visa analisar os elementos básicos, das teorias: seus conceitos. Neste caso, denominamos perspectiva (em lugar de teoria) o conjunto de idéias e preposições dos diversos autores com o fim de destacar mais o seu ângulo de observação da experiência e o tipo de disciplina científica a qual se encontram filiadas dentro do conjunto da divisão intelectual do trabalho científico.

Poder-se-ia acrescentar de um ponto vista epistemológico restrito que, o que aqui denominamos perspectivas não são teorias científicas rigorosas porque não são um "grupo de leis unidas de ductivamente" (Bergmann, 1957 em M. Marx, 1972 p. 29) ainda que possam ser parcialmente. A proporção de "surplus meaning" faz com que correspondam mais ao genero das teorizações especulativas que ao das científicas.

A qualidade e tipo dos conceitos utilizados na construção da teoria constitui o seu primeiro passo e talvez o mais importante. As deficiências na sua formulação (imprecisão, obscuridade, ambiguidade) e a sua falta de projeção concreta, ou seja, sua referência, a objetos observáveis, pode prejudicar profundamente o próximo passo que é a elaboração de hipótese, isto é, a postulação de relações concomitantes ou causais, ou deo outro genero, entre os conceitos dados agora como variáveis. Pode afetar também a possibilidade de



formação de um "universo de comunicação científica" e consequentemente a comunicabilidade das experiências. M. Marx diz a este respeito: "Throwing the spotlight of critical inquiry upon many concepts would certainly reveal an embarrassing lack of clarity and probably very often evoke a strong emotional reaction in the theorist but if science is to be a public and communicable enterprise, no other way of testing their validity, seems to be available" (M. Marx, 1963, p. 23).

A universabilidade da linguagem científica na medida que possibilita o intercâmbio de idéias, experiências e críticas é uma das metas primordiais da ciência já que é uma condição necessária para que o conhecimento científico possa ser inter-subjetivo, isto é transmissível e acumulativo. O problema da univocidade da linguagem leva diretamente ao da análise dos conceitos. Nas ciências humanas, e na psicologia particularmente, os fundamentos do conhecimento científico se apoiam em postulados aprioréticos que no substancial são "inobserváveis". Nestes casos de fala de "construções hipotéticas" cuja utilidade heurística se reconhece do ponto de vista de metodologia científica quando servem para indicar relações entre unidades analíticas que numa etapa de maior concretização podem ser conceitualizadas e identificados os objetos observáveis correspondentes. De modo que a significação científica destas construções hipotéticas se encontra na possibilidade de poder decompô-las a um nível de raciocínio mais concreto, que permita vincular conceitos e relações entre conceitos (hipotéticos) com os seus referentes empíricos. A relação entre construções hipotéticas e referentes empíricos dá lugar a um movimento de vai-e-vem porque aqueles nutrem-se continuamente das teorias que são induzidas empiricamente, como Merton demonstrou

tão brilhantemente. (Merton 1957, cap. II e III)

A construção hipotética que foi definida por M. Marx como 'any construct with a relatively low degree of operational validity (1963, p. 189) é utilizada geralmente nas ciências humanas com propositos essencialmente exploratórios incorporando novos problemas e r lações entre entidades analíticas mediante operações intelectuais nas quais a imaginação tem um papel fundamental. Estas construções nem sempre oferecem possibilidades científicas o que é difícil avaliar uma vez que as possibilidades de operacionalização se ampliam continuamente e senão agora talvez no futuro se possa fazer a conversão científica correspondente. Estas construções supõem uma apreciável apostação ao conhecimento científico, pois representam uma contínua pressão nas fronteiras do conhecimento já que ou tendem a aumentá-lo.

A psicologia tende a se desenvolver como ciência organizando suas construções hipotéticas como fonte de conceitualizações cada vez mais precisa e menos ambigua que alcançarão novas hipóteses e relações significativas e operacionalizáveis entre conceitos.

A operacionalização é um procedimento para despejar as construções hipotéticas de seus "surplus meanings" e tirar os seus elementos mais ambiguos e abstratos, isolando os seus conteúdos mais concretos de maneira que permita identificar e explicitar sua base observacional. Esta tarefa implica uma seleção dos aspectos positivos e de maiores possibilidades heurísticas contidas nas construções hipotéticas. O critério para esta seleção é a possibilidade de elaboração de hipóteses cientificamente significativas. Porém, deve-se observar que este critério de operacionalização não deve empregar-se indiscriminadamente em todos os conceitos identificáveis numa constru

ção científica. "Not all concepts need to be defined literally in terms of the precise physical operations involved" (M. Marx, 1963, p. 23). Em suma, o que se trata de discriminar é quando e quais conceitos devem ser operacionalizados e este critério deve ser aplicado com flexibilidade para estabelecer não somente uma boa relação de conjunto com os referentes empíricos utilizados para a reconstrução do real como também a comunicabilidade dos resultados da experiência científica.

Nesta perspectiva epistemológica, o desenvolvimento da psicologia como ciência depende da capacidade para realizar estas operações de conversão que estreitam a distância entre as construções hipotéticas e seus referentes empíricos. Porém não menos que disso, depende também da capacidade de utilizar resultados científicos em novas construções hipotéticas, que enriqueçam continuamente os quadros intelectuais de conjunto que servem para a orientação da tarefa científica para novas e prometedoras explorações.

A contribuição que modestamente pretende fazer este trabalho, e que é tema deste capítulo, consiste em analisar e identificar os aspectos potencialmente operacionalizáveis das construções hipotéticas sintetizadas na parte anterior assinalando algumas das suas imprecisões e ambiguidades. Em segundo lugar, tenta-se operacionalizar algumas das dimensões das construções identificadas. Quando aqui se fala de dimensionalizar entende-se a identificação dos aspectos simples de uma construção que tem um sentido unívoco e que podem ser relacionados com um mais referentes empíricos. A operacionalização que se segue foi feita,

de uma maneira seletiva escolhendo-se aquelas dimensões que parecem oferecer maiores possibilidades científicas.

## 2.1 - A CONSTRUÇÃO ANTROPOLÓGICA: M. MEAD

Já foi assinalado como M. Mead colocou a cultura como principal variável independente do processo de formação da personalidade e também no gênese da crise adolescente. Este monismo foi em parte o resultado da sua polêmica contra outros monismos não menos extremos. Em geral, a parte mais substancial desta polêmica encontra-se na sua crítica à idéia de "natureza humana" tanto na sua vertente biológica quanto a psicológica. A possibilidade da existência de um condicionamento instintivo e biológico, do comportamento humano e conseqüentemente da sua personalidade lhe parecia tão insustentável quanto a posição que sustém a autonomia incondicionada da estrutura psíquica. Para esta autora, os fatores biológicos e psicológicos nunca poderiam ser outra coisa que variáveis interredientes, nunca independentes, que contribuem para a explicação parcial de áreas muito limitadas do comportamento. O que essencialmente conta são as pautas culturais e os valores sociais, isto é a cultura em sentido antropológico.

Também a adolescência foi colocada no esquema deste monismo culturalista como se pode ver claramente na seguinte proposta da autora: "Are the disturbance which vex our adolescence due to the nature of adolescence itself or to the civilisation?" (p. 11. 1953). A "natureza da adolescência" entende-se no seu duplo sentido, isto é, como um estado permanente provocado pelos seus

processos orgânicos e desenvolvimento corporal ou pelas transformações autônomas da sua psiquê. A resposta é categórica no sentido mencionado: a crise adolescente é nada mais nada menos que um fenômeno exclusivamente cultural. O alcance da influência cultural é tal que até a percepção dos atributos da puberdade sexual são interpretados com base na pauta cultural. A esse respeito assinala, sem reserva alguma, que as variações culturais do comportamento adolescente podem ser máximas desenvolvendo-se numa escala com polos muito externos e contrastos. Desta maneira a idéia de plasticidade da personalidade adquire o máximo de amplitude.

Com excessão da referência à "natureza humana" não existe, nos seus trabalhos sobre adolescência, um corpo de conceitos que se relacione com os fatores psicológicos da personalidade assim como não existe também nenhuma indicação que admita a autonomia relativa deste nível no desenvolvimento evolutivo do adolescente. Exagerando poder-se ia dizer que a personalidade é um reflexo da cultura e também uma réplica dela; algo assim como um raio que só recebe energia externa e que dá respostas condicionadas culturalmente. Em trabalhos posteriores, esta posição foi superada e os antropólogos culturalistas manifestaram-se mais sensíveis a dimensão psicológica.

Assim, as construções que poderiam ser dimensionalizadas referem-se somente a elementos da cultura e dinâmica social. Antes de passar a identificar quais são alguns dos fatores culturais mais significativos parece necessário fazer um comentário introdutivo sobre a situação estrutural do adolescente na

na sociedade. Em primeiro lugar assinala-se que o adolescente, alcança sua maturidade física antes da sua maturidade social e que isto é uma situação relativamente universal. A maturidade social se adquire de várias maneiras mas principalmente quando a idade e a socialização antecipatória autorizam ingresso nas ocupações adultas e a formação de sua própria família de reprodução. O período entre a maturidade física e social aumenta ou diminui segundo as sociedades, e existem algumas, com as sociedades modernas, em que este período pode ser muito prolongado e tenso dando lugar à crise adolescente. Esta teoria foi desenvolvida por K. Davis (1948.p.223/30), naturalmente com mais detalhes e fundamentos. É importante porque ela destaca, embora numa vertente mais sociológica ou endoculturação, termo este que seria mais próprio no seu caso devido a sua posição culturalista.

No seu estudo sobre Samoa, M. Mead descreve detalhadamente vários aspectos da vida cultural destacando como as diversas, pautas influem na conduta adolescente. A esse respeito pode-se citar a educação, o lar, a turma de brincadeiras, as relações sexuais, a vida cotidiana. No III capítulo "The Education of the Samoan Child" encontra-se uma minuciosa descrição de usos e costumes que tem importância no processo de endoculturação, do indivíduo desde o nascimento até a adolescência. Quase não se encontram referências que transcendam o imediatismo da descrição dos fenômenos.

Uma última observação prévia refere-se ao amplo fundamento empírico desta teoria sobre a adolescência. Certamente exis

tem pressupostos apriorísticos que não derivam do material em pírico e foram introduzidos antecipadamente à investigação, ou acrescentados logo durante a etapa da análise dos dados. Assim, sendo, ainda com estas ressalvas, é conveniente destacar, a natureza predominantemente empírica de sua teoria, o que significa que muitas das construções que utiliza já estão amplamente operacionalizadas.

Depois destas observações preliminares cabe agora a identificação de tres das principais dimensões que utiliza e que são suscetíveis de operacionalização. A primeira é a da cultura no sentido antropológico, em seguida processo de encoculturação e, finalmente, a idéia de crise adolescente.

A "A idéia de cultura tem sido definida e operacionalizada de maneiras muito diversas pela antropologia cultural. Entre as muitas contribuições a respeito podemos mencionar uma tentativa de inventário e codificação internacional dos traços culturais levado a cabo pelo Human Relation Area Files em 1945 sob direção de G.P. Murdock. Não é a descrição de um conceito tão amplo o que interessa aqui e sim quais são os valores centrais da sociedade, principalmente os de natureza religiosa e de maior transcendência que servem de fundamento ao caráter social e a outros valores menores gerais". e também por outro lado as pautas que se referem a idade e as diversas práticas sociais a que é progressivamente introduzido o indivíduo desde a sua infância. A unidade e homogeneidade da cultura tanto quanto seu grau de integração interna se revestem de uma importância singular. A posição da família e do grupo de parentesco

no conjunto das relações sociais assim como as funções que cumprem neles, os tipos de sociabilidade predominantes (primários e secundários), os graus de individualismo e de liberdade psico/social, tudo isto tem muita relação com a posição do indivíduo e seus graus de autonomia em relação aos grupos sociais; o que se segue deste paragrafo se reproduz igual até a última frase que se substitui: "Estas configurações culturais influem profundamente sobre o adolescente e são também determinantes da possibilidade de que se produza ou não uma crise de adolescência".

B- O processo de endoculturação é formado pelos diferentes procedimentos através dos quais introjetam-se os valores centrais da cultura e se assimilam seus usos e costumes mais aceitos e comuns. Este processo é essencial para a sucessão geracional. Nas sociedades primitivas tem lugar principalmente no seio da família; porém, nas sociedades mais modernas foi transferido em parte para fora dela e formalizou-se em instituições especializadas educacionais. A necessidade de acumular conhecimentos e cultura é universal para facilitar os processos de maturidade, psicológica e social do indivíduo desde a infância. O que importa mais é o conhecimento de como se realiza este processo e de quais os conteúdos que se transmitem. Tudo isto é fundamental para o aforamento do tipo de personalidade social e da crise de desenvolvimento que tem o seu fundamento na dinâmica cultural

C- A crise adolescente em geral refere-se a maneira como se produz o ajustamento cultural do adolescente. Este conceito,



tem certas relações de família com outros como o de maturidade social; e, como seus congêneres, deriva em grande parte dos diferentes processos que confluem na etapa adolescente. O atraso na maturidade social é sempre uma fonte geradora de tensões porém não é aqui onde M. Mead coloca ênfase. Inclina-se mais para enfatizar a forma como a homogeneidade ou heterogeneidade cultural é um fator de crise pelas tensões internas que produz e pela baixa capacidade de orientação que oferece ao adolescente. Também tem que ser considerados os conteúdos da cultura; uma cultura competitiva ativa e aprofunda a crise adolescente. Finalmente, resta mencionar uma dimensão da crise que costuma ter grande significação, e que é a carência de uma cultura adolescente ou juvenil, separada ou integrada a cultura dominante, dos adultos, a favor ou contra ela, que os jovens tendem a formar quando o lapso da aquisição da maturidade social prolonga-se, além de certos limites.

A metodologia para estudar estes problemas tem que ser, predominantemente antropológica pois são temas pouco acessíveis a outro tipo de instrumental. A observação participante apoiada auxiliariamente em questionários e estudos de casos, dados de fontes documentais e literárias, material e epistolar e biografias parece ser a técnica mais aconselhável.

## 2.2 - A construção sociológica

No começo Eisenstadt oferece uma definição ampla e compreensiva que põe em relevo tanto os aspectos psicológicos (self)

quanto os sociológicos e antropológicos que se relacionam com o problema da juventude na sociedade humana. "The transition from childhood and adolescence to adulthood, the development of personal identity, psychological autonomy and self-regulation, the attempt to link personal temporal transition to general cultural images and to cosmic rhythms, and to link psychological maturity to the emulation of definite role models-these constitute the basic elements of any archetypal image of youth" (Eisenstadt, 1965, p.34). Nesta definição pode-se encontrar um bom conhecimento dos aspectos psico-sociais quando se refere a identidade pessoal, à autonomia psicológica e a auto-regulação nos mais importantes períodos transicionais para o desenvolvimento da personalidade.

Um pouco antes este autor diz que a juventude "is the stage at which the individual's personality acquires the basic psychological mechanisms of self-regulation and self-control" acrescentando que quando isto acontece "his self-identity becomes crystallized" (H, id. p.32). De maneira que segundo ele a auto-identidade se forma quando se fundem e se integram no indivíduo a dimensão interna (self) e a externa (ambiente social).

Porém, ao entrar no exame mais pormenorizado do problema Eisenstadt vai-se esquecendo paulatinamente da noção de "self", nos seus aspectos de autonomia, para insistir e enfatizar principalmente a parte de controle e regulação social. Assim se torna difícil saber a qual coisa se refere o autor quando alude ao processo do "self". A parte mais rica da sua análise é seu modo

extra-psíquico, isto é, a dinâmica da estrutura social enquanto ,  
incide sobre a transição juvenil.

Do ponto de vista de uma perspectiva metodológica aquilo  
que é essencial na análise de Eisenstadt é a maneira como a ida  
de é colocada e utilizada como variável interveniente no seu es  
quema teórico. A rigor, a idade é onexo que une a dimensão de  
"self" com a da estrutura social. E por isso a sua função explica  
tiva é fundamental: atua como um elemento de intermediação que  
une aqueles dois campos. M. Marx destacou esta função da variável,  
interveniente no processo de construção da teoria científica: "By  
intervening variable is meant any intervening construct with a  
maximum amount of operational validity, or direct empirical  
reference..." (1963, p. 186) No nosso caso, a idade tem muito destas,  
propriedades. A rigor, é demográfica e cronologicamente fácil de  
definir e a estrutura normativa e os tipos de institucionalização  
que a ela se referem são também empiricamente identificáveis.

É preciso recordar aqui que não tanto a idade cronológica é  
a que interessa a Eisenstadt e sim a idade social e culturalmen  
te qualificada, isto é, quando a idade mesma se converte num marco  
normativo socialmente definido e relacionado com outras idades ,  
maiores ou menores. Segundo este autor a sociedade usa a idade pa  
ra os processos fundamentais: o primeiro é o da formação da auto  
identidade (tema este que Eisenstadt abandona rapidamente), e o  
segundo é o da idade como regulador social primário da divisão,  
social do trabalho. Este é o único dos dois pontos que pode ser  
empiricamente formalizado partindo dos materiais que se ofere

cem nos trabalhos analisados.

Por divisão social do trabalho se entende partindo do sociólogo francês Durkheim a diferenciação social, isto é, a diversidade de posições sociais que estão fundamentalmente vinculadas em bora estruturalmente distintas e que são acompanhadas por diversas recompensas e gratificações. Suas bases organizacionais encontram-se nos papéis sociais e nas instituições e turmas organizadas: na economia e na vida social, na política e religião. A divisão social do trabalho articula-se através de um eixo fundamentalmente que é a estrutura de classes sociais que percorre e a travessa todas as instituições fundamentais da sociedade e opera como um princípio de ordenação dos papéis sociais de natureza não fundamental.

Outra variável interveniente que Eisenstadt utiliza é o sexo. Porém sua significação heurística é menor que a da idade pois sua função é apenas algo mais que a de um novo princípio classificatório. A sociedade diferencia os sexos como as idades, e o faz de uma maneira que é também relevante para a divisão social do trabalho. Verdadeiramente, as posições sociais masculinas tendem a desagregar-se e diferenciar-se em graus diversos segundo os tipos de estrutura social. Nas funções familiares, nas ocupações e nas posições políticas encontram-se estruturações muito claras que as vezes operam como tabus universais (as mulheres nas minas) e em outros sentidos como facilitação social que abre as portas de entrada aos membros do sexo adequado.

A divisão social do trabalho depende sem dúvida de outros mecanismos mais estruturais que se combinam com o sexo e a idade

no processo de distribuição de posições sociais.

Quanto a idade Eisenstadt enfatizou muito a importância dos agrupamentos de idade e da sua posição na estrutura social. Também destacou o significado da transição entre as etapas etárias e a forma como está cultural e socialmente definida: isto é, sua relação com os valores sociais, com a divisão social do trabalho, com a formação de uma "família de procriação" e com o período denominado "role moratorium", e outros aspectos igualmente importantes.

Um último aspecto é a da relação dos grupos de idade com a família, e a medida na qual eles substituem funções que esta cumpria anteriormente de maneira exclusiva. Que os grupos de idade sejam intra ou extra-familiares é fundamental para a operacionalização do conceito de idade na construção teórica que estamos analisando.

Após esta introdução é possível tentar a operacionalização das variáveis intervinientes idade-sexo e a seleção de algumas fontes de dados que podem ser relevantes para a sua validade empírica. Várias dimensões serão operacionalizadas seguidamente como uma ilustração das possibilidades científicas desta construção teórica. A primeira é o tipo de estrutura social. A segunda, a divisão social do trabalho. Terceiro, a moratória na passagem a "roles" adultos. Finalmente, os grupos juvenis.

A. O tipo de estrutura social está especialmente qualificado pela posição da família como elemento central do tipo social. De maneira que a dimensionalização da variável independente "estrutura social" será feita levando em conta a família como um foco

central do tipo social. Para fazer isto é necessário separar dois tipos dicotômicos que foram longamente elaborados na sociologia funcionalista de origem parsoniana.

1 - Estrutura social familista-tradicional, com a família e o grupo de parentesco situado no centro da estrutura social. A família é extensa e nela convivem várias gerações com uma grande visibilidade e diferenciação entre elas. A família é o principal agente de socialização e há uma grande simbiose psicológica e emocional entre os seus membros. A identidade se constrói em grande parte em referência ao grupo familiar, que tem um grande controle sobre a personalidade dos seus membros.

2 - Estrutura social não familista-moderna, A família não é mais a principal unidade da estrutura social. Grande parte das suas funções principais foram agora transferidas a outras instituições sociais: a empresa, a escola, a igreja, etc. O tamanho da família diminui e também a diversidade geracional interna. A visibilidade das diferenças geracionais se reduz consideravelmente e as idades agora gravitam menos: não há tanto "temor reverencial dos adultos e mais velhos. As diferenças geracionais trasladam-se em grande parte para fora da família. Tendência a formação de grupos juvenis autônomos e a criação de uma subcultura juvenil, com maior ou menor diferenciação sexual.

A metodologia mais indicada para este problema é a construção tipológica desenvolvida partindo das idéias fundamentais de Max Weber. Haveria que descrever bem tanto as posições polares fazendo uma dicotomia inicial, para passar depois a construção de um

de um contínuo com a colaboração de etapas intermediárias que descrevam como se produz a transição entre ambas posições.

B - A divisão social do trabalho foi caracterizada convenientemente. Trata-se aqui de ver como a idade e o sexo exercem seu papel regulador para a designação de posições sociais na economia e na sociedade. Esta dimensão só pode ser estudada em relação aos tipos de estrutura social indicadas anteriormente, porque é de acordo com a estrutura social que a idade e o sexo podem ter uma função importante na designação dos papéis sociais. Aqui importa saber, por ex. se as posições econômicas se encontram dentro ou fora da estrutura familiar, e neste último caso qual é a importância da idade para o ingresso no mercado de trabalho e para acesso às principais ocupações econômicas. O mesmo com respeito a outras funções políticas ou sociais: a definição legal da maioria política e civil é fundamental, assim como as consequências que estão ligadas a ela. Isto tem muita relação com a autonomia efetiva do adolescente e com sua auto-imagem pois é algo assim como ancorar externamente a auto-identidade. Assim, estas possibilidades estruturais referem-se a sua capacidade efetiva de tomar decisões em áreas que são fundamentais para a sua individualidade: sua auto-identidade depende fortemente de tudo isso.

As fontes empíricas são aqui muito variadas e também as estratégias metodológicas e técnicas para utilizá-las. Textos legais, estatísticas gerais, recenseamentos de populações, fontes documentais, observação de usos e costumes, enquetes através de questionários e estudo de casos são talvez as fontes e instrumentos mais importan

tes.

C - Assim chegamos a moratória social que está também relacionada com a estrutura social e as classes sociais. O período de espera até o ingresso no mundo adulto pode encurtar-se ou estender-se entre a infância e a idade adulta. O período juvenil praticamente não existe na sociedade rural nem nas classes baixas; porém é bastante prolongado nas classes altas onde a moratória estende-se geralmente, às vezes, até idades avançadas, por ex. o fim dos estudos universitários. Naturalmente a educação é aqui uma variável interveniente muito significativa e fácil de operacionalização na maior parte das suas dimensões. As bases econômicas da moratória social são também importantes porque necessitam-se famílias com recursos para que possam sustentar seus filhos enquanto se educam e ensaiam uma ampla gama de papéis adultos: quando estes recursos não existem a pressão familiar se fará maior para que a criança ou adolescente ingresse o quanto antes nos papéis ocupacionais definitivos que serão necessariamente de um nível mais baixo que aqueles a que terão acesso os que puderam aproveitar a moratória.

Os recursos metodológicos, instrumentos e estratégias para o recolhimento de dados e fontes empíricas, são aproximadamente as mesmas que para a dimensão interior.

D - Finalmente, temos os grupos juvenis e a sua posição na estrutura social. Em primeiro lugar, importa saber qual a relação destes grupos com a cultura dominante, se coincidem ou se afastam dela, se formam uma subcultura juvenil ou adolescente (Coleman). Em seguida qual a relação destes grupos com as classes sociais e os



movimentos políticos. Finalmente, qual o tipo de ação desenvolvida por estes grupos. Esta pode ser uma ação "para dentro" com a finalidade de transferência de apoio emocional, e de ação "para fora" pra produzir, em relação ou contra outros grupos, certos efeitos sociais. A posição que estes grupos ocupam na estrutura social é fundamental para que se compreenda a função que tem nela e a importância de que se revestem para seus membros.

Com relação a metodologia e às fontes empíricas, a enquete e a observação participante, foram os melhores recursos utilizados / numa diversidade de estudos. Também foram utilizadas fontes documentais e análise qualitativa e de conteúdo assim como estudo de cases e material biográfico. Finalmente podem-se mencionar os textos socio-métricos e os socios-dramas desenvolvidos por J. Moven como uma técnica de dramatização para o estudo grupal.

### 2.3 - A construção psicossocial

A construção "crise de identidade normativa" é para Erikson uma idéia complexa com vários elementos e dimensões e que - foi já assinalada - assimila quase que completamente o próprio processo da adolescência. Partindo de um exame da variedade de conotações com que usa esta construção pode-se detectar tres variáveis intervenientes que são essenciais para a forma como o autor concebe o problema da transição adolescente. Essas variáveis são: o sentimento de "mesmidade pessoal", a "continuidade histórica" e a "maturidade sexual" (Erikson, 1971, p. 1416 e 105). A respeito das duas primeiras Erikson utiliza a idéia da "perda" que segue uma recuperação e superação quando se alcança algum ponto vizinho do ótimo na

formação do sentimento de identidade.

A primeira "mesmidade pessoal" se refere a um sentimento de estar comodo no nosso próprio corpo (1971,p.135) e supõe a existência de um estado pré-adolescente no qual as diversas estruturas do ego teriam estado integradas e em harmonia interna. A adolescência se apresenta como um momento de perda daquela integração prévia e de superação crítica até alcançar um novo estado de harmonia e estruturação psíquica interna. Esta estruturação se manifesta pela percepção de limites existentes entre o ego e o não ego, isto é: entre o ego e todos os outros objetos. Dai surge a possibilidade de efetuar operações de discriminação, de comparação e contraste, de separação e diferença entre o ego e o mundo. L. Grimberg designa esta variável como "vínculo de integração espacial". (Grimberg' 1971,p.42).

A perda deste vínculo traz a desestruturação do mundo como ordem, que até este momento permitia ao sujeito auto-perceber-se e distinguir-se dos demais nas tres áreas da conduta (mente, corpo, e mundo externo). Este momento caracteriza-se pelo seu potencial de confusão já que a possibilidade de diferenciação "ego/não ego" foi alterada substancialmente e permanece desequilibrada enquanto não forem estabelecidos novos mecanismos e limites que os substituam. Assim, este seria para Erikson a primeira fonte da crise da identidade.

A segunda, "continuidade histórica", é uma sensação de saber para onde se esta indo e também a possibilidade de se sentir a mesma pessoa no transcurso do tempo, uma unidade que permanece no

processo de vir a ser. Desta maneira a variável poderia ser descrita assim: "eu sou neste momento, apesar de em outras circunstâncias, a mesma pessoa que era antes". Grimberg a chama "vínculo de integração temporal" (Grimberg, 1971, p. 43). Quando a percepção da unidade do ego se mantém inalterada e é possível o reconhecimento da sua unidade em tres momentos: antes, durante e depois, pode-se dizer que há continuidade histórica. Quando a percepção se torna descontínua e a unidade histórica do ego desaparece-se pode dizer que emerge a crise de identidade, claro está que agora em outra dimensão. Esta seria a segunda fonte da crise de identidade.

A maturidade sexual é entendida num sentido mais amplo do que o das alterações corporais provocadas sobretudo pelo desenvolvimento genital e a emergência de novos impulsos específicos derivados dele. Concebida, também, em termos dos desenvolvimentos psicológicos concomitantes, a maturidade sexual é um pivot fundamental do conceito de identidade. Verdadeiramente a sexualidade madura implica, em primeira instância, na aceitação da tensão sexual como legítima tanto para si como para os outros; logo, supõe também a possibilidade de entrar na relação com capacidade e desejo de dar e receber, assim como a de sentir-se realizado nela sem temer a perda da sua identidade pessoal (fusão) na relação. Ainda mais, significa a possibilidade encontrar não somente gratificação sexual mas também outras gratificações significativas que se constituem na relação amorosa. Sintetizando, em sentido positivo, supõe a liberdade de tomar um "compromisso"

(Erikson, 1971, p. 36) que respeita a identidade de ambas as partes na relação, ao mesmo tempo gratifique tanto sexual quanto emocionalmente.

Assim a construção "crise de identidade" está constituída aproximadamente pelos atributos expostos com respeito às três variáveis analisadas.

Embora fosse possível indicar alguns traços que não foram mencionados, o essencial da construção se encontra contido nas exposições anteriores.

É óbvio que como conjunto, como unidade analítica global, a construção "crise de identidade" não pode ser dimensionalizada nem operacionalizada. Este tipo de construção teórica tem que ser necessariamente decomposto em sub-unidades analíticas mais concretas e manipuláveis que tenham referentes empíricos claramente determináveis e identificáveis, ainda assim ficam resíduos que são irreduzíveis ao tratamento empírico.

"Animistic concepts (e.g. 'mind', 'libido') and others having what Reichenbach has called "surplus meaning" may be tolerated in the early, pre-scientific development of a field, but their replacement by constructs more closely tied to the empirical operations must occur for effective scientific theory construction". (M. Marx, 1963, p. 12). Vimos como Erikson se defende e defende a psicanálise contra esta crítica. Certamente, este é um ponto polêmico na epistemologia atual na qual positivistas e não positivistas enfrentam-se ferozmente, principalmente na apreciação da significação heurística do "surplus meaning" para

futuros desenvolvimentos científicos e do conhecimento. A nós não cabe entrar aqui no problema. Portanto, passamos a seguir a operacionalização das três variáveis, mesmidade pessoal, continuidade histórica e maturidade sexual.

Ao tratar cada uma das variáveis procede-se primeiro no sentido de identificar quais das suas dimensões e com que sentido vão ser operacionalizados. Depois indica-se sucintamente algumas das possibilidades de operacionalização com indicação das técnicas e instrumentos de coleta da informação empírica que poderiam eventualmente ser utilizadas. Não se pretende aqui a preparação de um projeto (ou vários) para a realização de uma investigação e sim, apenas, a identificação de alguns dos aspectos que possam ter significação empírica. Neste caso, as variáveis serão tratadas como se ao serem desagregadas pudessem ser desdobradas num "contínuo", como o próprio Erikson parece sugerir em alguns trechos quando por ex. fala de um "sentimento de identidade ótimo" (1971, p.135) que teria seu oposto no outro lado da escala. Na realidade, também se poderia pensar em graus de aproximação da identidade a seu nível ótimo. Porém uma e outra possibilidades sugerem a maneira pela qual poder-se-ia ordenar e agrupar os elementos do problema partindo da distinção entre "confusão de identidade" e "identidade ótima".

A. Na variável mesmidade pessoal podem-se distinguir várias dimensões operacionalizáveis. Ao indicá-las se assinalarão também os procedimentos metodológicos e as fontes empíricas.

mais idôneas, que não poderão ser certamente nem uniformes nem unitários e também os instrumentos que seria conveniente utilizar. A indicação que será feita ha de ser principalmente ilustrativa e não deveria ser olhada, assim, como um inventário completo dos recursos metodológicos disponíveis.

A primeira é a auto-percepção dos limites e características do próprio corpo, que inclui também a percepção das diferenças dos diversos outros mais próximos ou longínquos mas que são significativos para o sujeito. Aspectos quantitativos tais como o peso, estatura, proporções, ao lado de outros qualitativos como beleza, cor, tem uma grande relevância para a auto-apreciação pessoal. No tocante a metodologia teríamos que dispor de um repertório adequado de instrumentos para recolher informação sobre aqueles e outros que referem-se a auto-imagem corporal, como por exemplo: a dramatização, a expressão corporal, os testes projetivos e a observação participante.

A segunda é a autonomia-heteronomia das atitudes por meio das quais o adolescente afirma-se ou submete-se ao mundo externo. Estas atitudes supõe além disso a possibilidade de definir um projeto pessoal e levá-lo ao fim. Abrange desde a vontade de auto-afirmação até a mobilização da energia física necessária à implantação. Aqui poderíamos utilizar entrevistas focalizadas, textos projetivos, "role playing", escalas de atitudes.

A terceira é o grau de integração de si mesmo na medida que supõe a superação da identificação infantil e a reorganiza

ção do ego numa etapa mais elevada do seu desenvolvimento. A qui a busca poderia centrar-se na oposição ego/não ego e os meios poderiam ser os testes de personalidade além da maioria dos já indicados.

Finalmente, se pode assinalar o grau de integração do eu social, que seria a resolução da "confusão de papéis" mediante a re-estruturação coerente do mundo externo, isto é, do conjunto das suas relações sociais convertendo-as em fontes de gratificação para o seu ego e em estímulo para o enriquecimento da sua personalidade. Diversos tipos de técnicas antropológicas (como a observação participante), sociológicas (entrevistas, estudos de casos e questionários) e psico-sociais (análise de biografias, escalas de atitudes, análise de conteúdo e entrevistas focalizadas e profundas) poderiam ser úteis.

B - A variável continuidade histórica também pode ser em grande medida operacionalizada principalmente se está centrada nas duas dimensões seguintes:

A primeira dimensão são as relações de sucessão entre o passado, presente e futuro, isto é, a maneira pela qual o sujeito organiza sua experiência passada, a utiliza como um meio integrado do presente e a projeta para o futuro. Também seria importante ver como o adolescente se localiza e se orienta em relação ao passado tanto com respeito a sua auto-imagem quanto a suas identificações preponderantes com diversos outros significativos texto dimensão e sente de continuidade da auto-imagem por um lado e de desenvolvimento e mudança por outro são



essenciais.

A segunda dimensão se refere às imagens do futuro, às expectativas que cria, a maneira pela qual gravita sobre o presente operando como um elemento integrado ou desorganizado; a postergação de aspirações e a outros temas relacionados. Tudo isto claro esta, tem que referir-se ao ego do sujeito e a sua "continuidade histórica". Nos casos destas duas dimensões as técnicas e instrumentos são equivalentes e se poderia recomendar a entrevista focalizada, as escalas temporais (tipo Kahl, por ex.), as biografias, a análise de conteúdo, a entrevista profunda e outros.

C. A variável maturidade sexual pode incluir várias dimensões entre as quais algumas das mais significativas poderiam ser:

A relação entre o histórico pessoal e as expectativas postas na relação sexual, os graus de gratificação emocional, as identificações com objetos anteriores que bloqueiam o desenvolvimento da sexualidade "normal", os outros significativos derivados das relações emocionais de base sexual.

A segunda concerne as fantasias relacionadas com a sexualidade que podem ser de invasão ou fusão, de intercambio e enriquecimento. Também podem relacionar-se com a procriação e a responsabilidade do cuidado com os filhos e as fantasias onipotentes de hipersexualidade ou de impotência, etc. Todas estas fantasias tem de estar situadas no contexto relacional que Erikson enfatizou tanto, e no qual há que indagar sempre pela e



emergência de outros significativos, positivos ou negativos.

Neste caso as fontes empíricas são preponderantemente da ordem biográfica ainda que para alguns dados gerais as enquetes através de questionário poderiam ser úteis. Entre aquelas podem-se citar as entrevistas clínicas e profundas, as autobiografias, a análise qualitativa e de conteúdo de material epistolar, os textos projetivos e outros.

Resta acrescentar que a dimensionalização das variáveis citadas deveria ser feita de forma unitária, isto é, que seja possível reconstruir a unidade da construção "crise de identidade normativa" ao mesmo tempo que sirva para testar a capacidade heurística, descritiva e explicativa do fenômeno da transição adolescente. É verdade que sempre ficarão de lado os "surplus meanings" porém ainda assim se terá avançado substancialmente para a fundamentação científica destas construções hipotéticas.

#### 2.4 - I. Construção Psicanalítica

O processo da adolescência tem na obra de Arminda Aberastury vários sentidos. Primeiro, é a "etapa decisiva de um processo de desprendimento que teve início com o nascimento". Segundo, "as mudanças psicológicas que se produzem neste período e que são o correlato de mudanças corporais levam a uma nova relação com os pais e o mundo". Finalmente, "mudanças corporais que resultam em mudanças psicológicas e em conflitos de identidade que determinam a necessidade de uma ideologia que permita sua adaptação ao mundo e/ou sua ação sobre ele para mudá-lo"

(Aberastury, 1971(a).p.15, e 1971(b).p.25). Pode-se apreciar que nesta definição há vários critérios que se interrelacionam para estudar, do ponto de vista psicanalítico, o fenômeno da adolescência. Em primeiro lugar, o que é que se entende por "processo de desprendimento"? A Autora especifica que se trata do "desprendimento interno dos pais", isto é que tem lugar no nível (psicológico interno) em que o processo se instala e que o objeto (pais) é aquele do qual o desprendimento se realiza. Porém não se dão bases para caracterizar em que consiste o mesmo. Sabe-se pela autora que é doloroso, confuso, contraditório e ambivalente, mas ainda assim é pouco o que se conhece do processo do mesmo. Vulgar e cotidianamente, desprender significa separar ou desmembrar, por distância entre os objetos. Pode-se supor que esse seja o significado que a autora atribui a seu conceito de desprendimento. A definição assim formulada é necessariamente, imprecisa e incompleta. Poderia-se agregar também que suas possibilidades empíricas são limitadas.

Na segunda definição temos vários termos "mudanças psicológicas que são o correlato de mudanças corporais, que levam a uma nova relação..." Aqui se centra a análise no termo "correlato" que tem um conteúdo tão inespecífico como o conceito de desprendimento. Mais adiante indica-se como é substituído na sua mesma função lógica pelo termo "resulta" que tem um significado relacional muito diferente. Haveria que supor, já que não se encontra no texto analisado uma definição explícita da natureza do termo "correlato", que foi utilizado com seu significado cor

rente, de variações concomitantes, de relação recíproca sem dependência causal. Ainda assim a dúvida persiste porque além de não estar explícito que tipo de correlação (ou dependência causal) há entre as mudanças psicológicas e corporais, também não é indicado se todas, algumas, ou talvez nenhuma das mudanças psicológicas estão correlacionadas com todas, algumas ou nenhuma das transformações corporais.

O terceiro sentido apresenta uma dificuldade similar a dos precedentes. Utilizar o termo "derivam" implica poder formular uma equação lógica significativa, isto é, que os sucessivos estados psicológicos são em grande parte a consequência dos novos estados de desenvolvimento corporal. Porém o problema é que a autora não foi conseqüente e substituiu continuamente ambos termos como se eles fossem equivalentes, abrindo a porta, assim, a um biologismo subjacente. Assim poderia-se observar que quando ela se inclina pela idéia de derivação como determinação incorre num "reducionismo" ao propor o nível biológico como fonte das mudanças psicológicas. Desta maneira o nível psicológico perde singularidade e se converte efetivamente num derivado que reflete outros fenômenos.

A frequente insistência em apoiar o desenvolvimento psicológico na metamorfose corporal dá certa razão a H.H. Kendler quando indica "Believing that they are dealing with the "real causes" of the behaviour, they feel that the mere specification of the physiological factors or, more commonly, the mere speculation concerning the physiological processes is

sufficiently explanatory" (1963, p.203).

Assim, da análise destes textos não se pode concluir de modo nenhum qual é o tipo de relação existente: causal ou concomitante, entre o nível psicológico e o biológico. Neste sentido, na obra se analisa não se encontra um corpo teórico consistente e sim um conjunto de proposições muitas vezes desconexas das quais não é possível deduzir um conjunto orgânico de conceitos que possam ser operacionalizados.

Os "lutos" tem uma função central no processo da adolescência, e também na explicação que dá a Dra. Aberastury. Porém, não há nos seus diversos trabalhos uma definição sistemática do que se entende por "luto". Em geral, pareceria ter o sentido de uma despedida, dum "gastar um tempo para fazer as pazes... (com seu corpo) (Aberastury, 1971 (a), p.27). Utilizando assim o termo é evidente ambiguo já que oferece várias possibilidades de interpretação. A idéia de luto foi tirada do trabalho de Freud "A aflição e a melancolia" que depois foi frequentemente utilizado na literatura psicanalítica (S. Freud, 1943, p.209 s.s).

Para as finalidades deste trabalho, o luto poderia ser considerado como a elaboração de uma perda mediante a restauração e superação do estado que a produz. O luto de perder o corpo infantil é também o processo de incorporar a imagem do corpo adolescente. Para A. Aberastury este é um processo essencialmente inconsciente e por tanto profundo. Os emergentes do processo de elaboração superação dos lutos somente podem ser captados através da exploração instrospectiva ou da entrevista clinica profunda.

Que sejam "referentes empíricos" aptos para "validar" uma teoria científica, ou não, é um assunto altamente polêmico que divide profundamente os psicanalistas dos positivistas científicos. Como em outro caso não cabe a nós entrar aqui na discussão, basta somente mencioná-la.

Assim, a construção "luto" como derivado de uma perda será o que se dimensionalizará em seguida. Distinguir-se-ã quatro dimensões de luto: a perda do corpo infantil, da bi-sexualidade, da relação infantil com os pais e da identidade infantil.

A. A perda do corpo infantil produz um luto que deriva da constatação da metamorfose do corpo de criança no corpo adolescente sobretudo pelo aparecimento dos caracteres sexuais secundários. Os indicadores destes estados psíquicos são variados e a título de ilustração mencionamos alguns dos mais importantes:

- negativa de aceitar os novos caracteres corporais seguida de uma tensa regressão infantil associado com temores intensos sobre sua própria imagem;
- aceitação exagerada do novo estado corporal com exibicionismo tanto na esfera da vestimenta quanto na conduta, que corresponde a etapas mais avançadas de desenvolvimento corporal, e ao mesmo tempo negação dos traços infantis ainda persistentes;
- tendências ritualistas de minuciosidade e detalhismo, de retraimento e recolhimento protetor a família.

B. A perda da bi-sexualidade produz o luto pela perda da situação relativa indiferenciação sexual que caracterizou o pe-

riodo anterior. Agora é necessário definir-se e esta definição im  
plica em tensões dolorosas e uma crise que há de ser separada.

- desagregação bem definida e contrastada dos papéis sexu-  
ais com diversificação de atividades e relações sociais;
- formação de uma auto-imagem na qual a diferenciação sexu-  
al tem uma importância fundamental;
- atitudes e tendências ambíguas com o processo de diferen-  
ciação sexual; persistência das fantasias de bi-sexuali-  
dade, práticas homossexuais, atividade masturbatória, vesti-  
mentas e gestos "estranhos" em relação ao que é social-  
mente esperado.

C. A perda da relação infantil com os pais conduz a um luto  
que é dos mais difíceis de elaborar e que depende muito da res-  
posta dos pais já que a atitudes destes é determinante da per-  
sistência da relação infantil de dependência. A origem de atitu-  
des mais autônomas se encontra na crítica dos pais que rompe e  
supera o idealismo indiscriminado do período infantil. Através  
deste processo de crítica surge uma nova imagem dos pais e um novo  
tipo de relação com eles, agora mais amadurecida e simétrica por  
que também os pais aprendem a redefinir a sua relação com os fi-  
lhos e Indicadores:

- persistência de atitudes dependentes e submissas em re-  
lação aos pais ou novas atitudes mais críticas e autôno-  
mas;
- preocupação às vezes exagerada pela saúde, trabalho e  
problemas dos pais.;

- elaboração pelos pais da crise de desprendimento pela "perda do filho pequeno" e estabelecimento de novas bases de relações com os filhos reconhecendo ou não sua individualidade e necessidade uma maior autonomia.

D. A perda da identidade infantil está estreitamente ligada a dos pais da infância, porém é mais geral do que ela e também que as anteriores. É uma espécie de síntese delas. Segundo Aberastury, o desenvolvimento corporal é mais rápido que o mental o que acentua a ambiguidade do adolescente e complica a relação com seu novo mundo. Os fenômenos de idealização parental e de simplificação maniqueísta de coisas e pessoas já não podem sobreviver mais e agora tem que ser substituídos por uma atitude mais dialética e cheia de matizes nos quais as cinzas predominam sobre os brancos e pretos. Assim assume-se a identidade adolescente. Alguns indicadores:

- atitudes de indecisão e resistência a tomar decisões sobre si mesmo (amigos, saídas, vestimentas, etc.);
- persistência de brincadeiras do período de latência e de vestimentas inadequadas para sua idade;
- atitudes de evasão e fantasias onipotentes onde transferem-se os problemas de ajuste necessários para a aquisição de identidade adolescente;
- atitudes de não-relativização intelectual e emocional e de intolerância e ambiguidade.

Para este problema dos lutos como elaboração das perdas a informação precedente do ou dos adolescentes tem que ser comple-

mentada com informação procedente da família. Os pais são frequentemente uma fonte insubstituível para tomar consciência dos problemas que o adolescente enfrenta, já que eles constituem sua relação mais próxima e significativa. Justamente uma parte do problema é constituída pelas tensões que são geradas pela redefinição da sua posição como outros significativos. De forma que o estudo das atitudes e conduta dos pais é quase tão necessário quanto o conhecimento da situação do próprio adolescente para que se ter uma consciência plena da evolução dos lutos. Os conteúdos latentes e manifestos que procedem do grupo familiar tem uma repercussão profunda na elaboração do luto da aquisição da identidade infantil.

As fontes de dados podem ser relativamente variados:

Dados introspectivos ou clinicos sobre atitudes profundas, dados experimentais, dados biográficos e estudos de casos. Os instrumentos podem ser a entrevista clinica e profunda, experiências de dramatização, testes projetivos, material documental de tipo biográfico ou epistolar e observação do grupo familiar.

### Conclusões

1 - Nos capítulos anteriores apresentou-se numa parte, um grupo selecionado de teorias com as mais diversas perspectivas de análise sobre a crise adolescente, pois cada uma delas constitui em si mesma uma explicação em grande parte autônoma e também auto-suficiente do problema. Na outra incluem-se alguns aspectos escolhidos destas vastas construções hipotéticas para um exercício de análise metodológica destinado a estabelecer as suas pos-



sibilidades de conversão científica, isto é de dimensionalização e operacionalização. Estas duas funções metodológicas foram concebidas assim: a primeira, como um procedimento para detectar e explicitar quais são os diversos sentidos (dimensões) contidos numa construção de maneira a poder escolher aquela (ou aqueles) que serão levados em conta. A operacionalização é um procedimento complementar que tem como objetivo a reformulação da construção e da dimensão escolhida da maneira o que possa ser relacionadas com indicadores, isto é, com objetos observáveis convertidos em referentes empíricos.

Realmente esta análise metodológica não foi muito além da ilustração da possibilidade potencial de uma operacionalização mais completa e que poderá talvez ser realizada a partir das experiências e ensaios que foram aqui efetuados. Como ocorre frequentemente, a operacionalização de uma construção hipotética é sempre parcial e assim sendo, tem necessariamente que detectar e escolher as partes que susceptíveis dum elaboração mais específica e a partir da qual se possam identificar os observáveis.

Os "surplus meanings" que são às vezes tratados como sobras a serem eliminadas no processo de construção científica, constituem, porém, um material importante para a interpretação e designação de sentido dados. Na verdade, quando são de boa qualidade intelectual, são algo assim como marcos de referência que elevam a inteligibilidade e o significado das construções científicas, isto é, das hipóteses que podem ser empiricamente válidas.

II - Em termos técnicos, um dos problemas mais agudos das

quatro perspectivas analisadas é a falta de definições "unívocas", ou que -além disso- tenham uma significação clara, consistente e operativa. Por diversos motivos, que vão desde a conceitualização imprecisa e ambígua (M. Mead) até o ensaio de aplicação' duma variedade de significados alternativos para um mesmo conceito (identidade em Erikson), a base conceitual destes autores não oferece possibilidades sólidas de construção teórica de acordo com uma metodologia científica.

Em geral, empregou-se uma variedade de construções que diferem quanto a sua significação e alcance do seu conteúdo sendo algumas delas susceptíveis ao tratamento científico ao passo que outros não o são, pelo menos na mesma medida. Assim, poder-se-ia sugerir, por via de hipótese, que o montante dos diversos "surplus meanings" é provavelmente excessivo para que dados todas as outras condições possam ser consideradas teorias científicas estritas.

III - Outro problema é a falta de consistência entre as construções hipotéticas utilizadas e outros conceitos com maior validade operacional, os quais deveriam ser articulados de uma maneira orgânica dentro do conjunto hipotético de modo a proporcionar um apoio fundamental. Nestas condições, a solidez do conjunto seria o resultado da capacidade destas colunas para sustentar pois elas fundamentam sua força na sua vinculação com a base empírica. Na verdade uma construção teórica nunca pode ser inteiramente verificável, contudo para que possa chegar a ser convertida numa construção científica e validada empiricamente, alguns dos seus principais elementos teriam que ser verificáveis

e estes deveriam ocupar, ademais, uma posição nuclear na sua estrutura lógica. Somente assim pode-se dar fundamento empírico a uma teoria..

IV - As construções teóricas que foram examinadas anteriormente caracterizam-se no seu conjunto por competir e participar' dum movimento divergente que tende principalmente a consolidar e reforçar o predomínio e a especificação da sua perspectiva para' demonstrar a capacidade superior explicativa de sua abordagem. ' Neste caso, a adolescência é um problema visto através do prisma' diverso de disciplinas zelosas em manter bem definidos os seus ' limites. Certamente, cada uma delas está preocupada na conserva- ção de uma campo bem delimitado de problemas assim como numa teo- ria e metodologia especializadas que as diferenciem bem das de- mais. Nestas condições o problema fica dividido numa pluralidade' de partes, cada uma das quais é tratada como se fosse uma unidade concreta. Porém, somente partes e sua unidade é puramente intelec- tual.

Se dentro dessa órbita compara-se a contribuição da perspec- tiva antropológica com a sociológica e logo mais com as outras , poderá ser notada uma transição contínua que vai do externo mais geral ao interno mais específico, especialmente se a comparação ' for feita entre a posição antropológica e a psicanalítica far-se-ã evidente que a crise ou transição adolescente está explicada ' nos termos mais extremos, seja com respeito a natureza da cultura (M. Mead) ou com relação a processos inconsciente com fundamen- tos biológicos profundos (A. Aberastury).

Estas tendências divergentes são boas para desmembrar o fenômeno em partes mais ou menos relevantes que servem bem para indicar sua complexibilidade, porém ignoram que o que ainda é mais significativo é a totalidade concreta formada pela integração das perspectivas parciais. Se realmente se pretende chegar a uma compreensão cabal do problema partir-se da idéia de que isto só pode ser conseguido quando se faz a reconstituição da unidade concreta do objeto mediante algum tipo de unificação das perspectivas. Parece difícil que isto possa ser conseguido plenamente, porém, deveria ser tentado ao menos em algum grau. Evidentemente, da pluridisciplinariedade até a interdisciplinariedade há um longo e complexo caminho.

A integração interdisciplinar das ciências humanas é uma necessidade sobre a qual se expressa continuamente bons desejos e se levam a cabo algumas tentativas isoladas sobre as quais porém avançou-se pouco de maneira efetiva. Um problema como o da adolescência requer uma teoria e uma metodologia que sejam um produto unificado e integrado a partir das disciplinas particulares que se ocupam dele, nos quais se encontram incorporadas e já reformuladas todas as abordagens parciais porém cientificamente relevantes numa nova perspectiva que tenha como preocupação dominante a captação da totalidade do fenômeno.

Na realidade um enfoque mais unificado do problema apresenta barreiras formidáveis que encontram-se nas tradicionais intelectuais, na rotina dos especialistas e na divisão do trabalho científico, e também na ausência de uma nova atitude de um tipo

de cientista social que hoje não existe senão como exceção. Não obstante estas dificuldades, o problema persiste e o ideal aqui expresso não deixa de ter vigência por mais que possa não ser momentaneamente viável.

### Bibliografia

- 1 - ABERASTURY, A y KNOBEL, H., LA ADOLESCENCIA NORMAL, Buenos Aires, Paidós, 1971 (a)
- 2 - ABERASTURY, A. y colab., ADOLESCENCIA, Ediciones Kargieman, 1971, (b).
- 3 - BLEGER, J., PSICOLOGIA DE LA CONDUCTA, Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1971.
- 4 - GECOW, L & A., ADOLESCENT DEVELOPMENT AND ADJUSTMENT, New York, McGraw-Hill, 1956.
- 5 - CUADERNO DE LA SAPPÍA Nº 1, ADOLESCENCIA, CULTURA y SOCIEDAD, Buenos Aires, Ediciones Kargieman, 1971.
- 6 - COLEMAN, J.S., THE ADOLESCENT SOCIETY, New York, The Free Press of Glance, 1961.
- 7 - COMITÉ SOBRE ADOLESCÊNCIA, DINÂMICA DA ADOLESCÊNCIA, São Paulo, Cultrix, 1970.
- 8 - COPI, K., INTRODUCCION DE LA LÓGICA, Buenos Aires, Eudeba 1962.
- 9 - DAVIS, K., HUMAN SOCIETY, New York, Macmillan, 1948.
- 10 - EISENSTADT, S.N., FROM GENERATION TO GENERATION, The Free Press of Glance, 1956.

- 11 - ERIKSON, E.H., INFÂNCIA E SOCIEDADE, Rio de Janeiro, Zahar 1971.
- 12 - ERIKSON, E.H., IDENTIDAD, JUVENTUD Y CRISIS, Buenos Aires, Paidós, 1971.
- 13 - ERIKSON, E.H., SOCIEDAD Y ADOLESCENCIA, México, Siglo XXI, 1972.
- 14 - ERIKSON, E.H., (ed), THE CHALLENGE OF YOUTH, New York, Anchor Books, 1965.
- 15 - FREUD, S. PSICOANÁLISE DE LAS MASAS Y ANÁLISIS DEL YO Buenos Aires, Editorial Americana, 1943 (Tomo IX de sus obras completas).
- 16 - GERMANI, G., POLÍTICA Y SOCIEDAD EN UNA EPOCA DE TRANSICION, Buenos Aires, Paidós, 1962.
- 17 - GERTH, H. y MILES, C.W., CAPIER Y ESTRUCTURA SOCIAL, Buenos Aires, Paidós, 1953.
- 18 - GRANGER, G.G., FORMALISMO Y CIENCIAS HUMANAS, Barcelona Ariel, 1965.
- 19 - GRINBERG, L. Y R., IDENTIDAD Y CAMBIO, Buenos Aires, Ediciones Kargieman, 1971.
- 20 - JOSSELYN, I.M., EL ADOLESCENTE Y SU MUNDO, Buenos Aires Psique, 1970.
- 21 - KARDINER, A. y LINTON, R., THE INDIVIDUAL AND HIS SOCIETY New York, Columbia University Press, 1939.
- 22 - KARDINER, A. y LINTON, R. y Otros, FRONTERAS PSICOLÓGICAS DE LA SOCIEDAD, México, Fondo de Cultura, Económica, 1955.
- 23 - LINTON, R., THE CULTURAL BACKGROUND OF PERSONALITY, New York Appleton-Century, Croft, 1945.

- 24 - MANNHEIM, K., IDEOLOGIA Y UTOPIA, Madrid, Aguilar, 1958
- 25 - MARX, M. (ed), PSYCHOLOGICAL THEORY, New York, MacMillan 1961.
- 26 - MARX, M. (ed), THEORIES IN CONTEMPORARY PSYCHOLOGY. New York, MacMillan, 1953.
- 27 - MARX, M. y HILLEX, W., SISTEMAS Y TEORIAS PSICOLÓGICAS CONTEMPORÁNEAS, Buenos Aires, Paidós, 1972
- 28 - MASTERSON, J.F., EL DILEMA PSIQUIÁTRICO DEL ADOLESCENTE Buenos Aires, Paidós, 1972.
- 29 - MEAD, G.H., ESPIRITU, PERSONA Y SOCIEDAD, Buenos Aires, Paidós, 1953.
- 30 - MEAD, M. COMING OF AGE IN SAMOA, New York, The Modern Library, 1953.
- 31 - MEAD, M., GROWING UP IN NEW GUINEA, London, Penguin Books 1954.
- 32 - MEAD, M. CULTURA Y COMPROMISO. ESTUDIO SOBRE LA RUPTURA Generacional, Buenos Aires, Granica Editor, 1970.
- 33 - MERTON, R.K., SOCIAL THEORY AND SOCIAL STRUCTURE, New York, The Free Press of Glances, 1957.
- 34 - MUSSO, R. PROBLEMAS Y MITOS METODOLÓGICOS DE LA PSICOLOGIA Y LA PSICOTERAPIA, Buenos Aires, Psique, 1970
- 35 - MUSS, R., TEORIAS DA ADOLESCÊNCIA. Belo Horizonte, Interlivros, 1971
- 36 - SOLARI, A.E., ALGUNAS REFLEXIONES SOBRE LA JUVENTUD LATINO-AMERICANAS, Santiago, Cuaderno del ILPES, 14, 1971.
- 37 - STONE, L.J. y CHURCH, J. NIFIEZ Y ADOLESCENCIA, Buenos Aires, Hormé, 1965

38 - VERON, E., IDEOLOGIA, ESTRUTURA E COMUNICAÇÃO, São Paulo, Cultrix, 1970.

39 - WITTENBERG, R., Postadolescence. THEORETICAL AND CLINICAL ASPECTS OF PSYCHOANALITIC THERAPY, New York, Grune & Stratton . 1968.

40 - WINNICOTT, D.W., PLAYING AND REALITY, London, Tavistock Publications, 1971